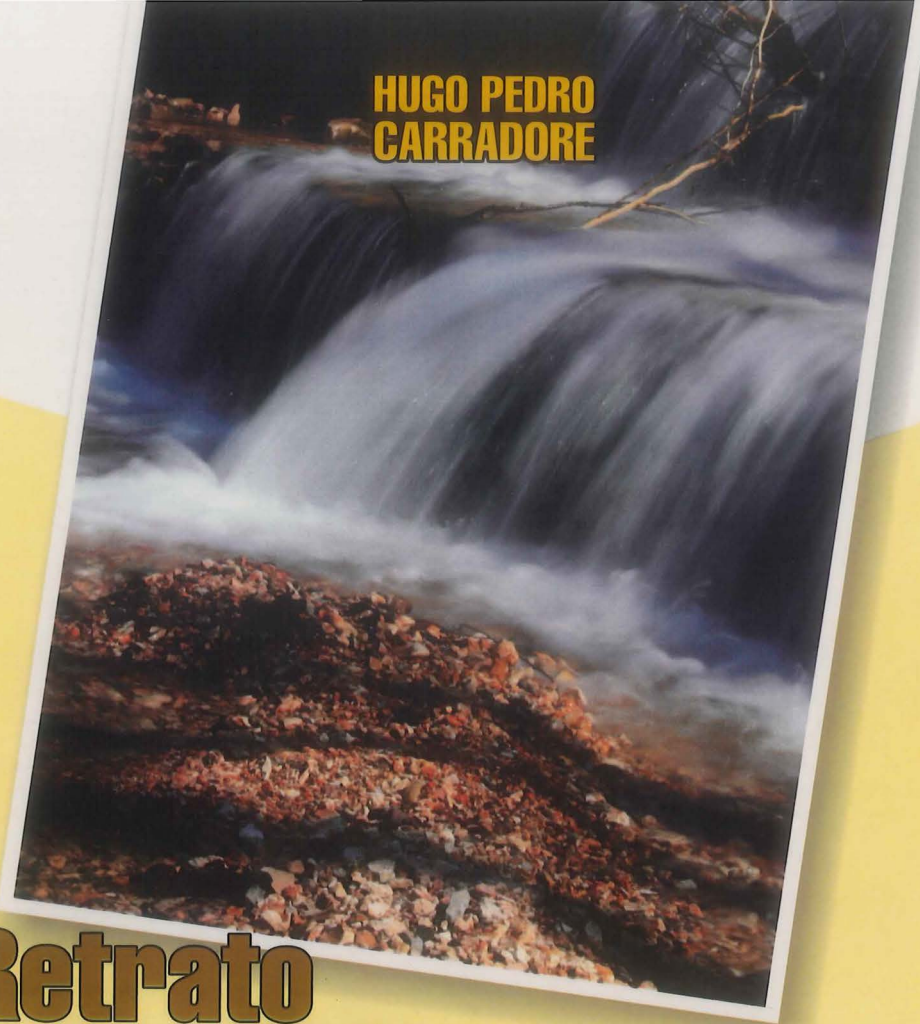


**HUGO PEDRO
CARRADORE**



**Retrato
das Tradições**

Piracicabanas

HISTÓRIA E FOLCLORE

Instituto
Histórico e
Geográfico de
Piracicaba

HUGO PEDRO CARRADORE

RETRATO DAS TRADIÇÕES
PIRACICABANAS
História e Folclore

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA

DIRETORIA (2010-2012)

PRESIDENTE

PEDRO CALDARI

VICE-PRESIDENTE

CEZARIO DE CAMPOS FERRARI

1º SECRETÁRIO

TOSHIO ICIZUCA

2º SECRETÁRIO

LUIZ NASCIMENTO

1º TESOUREIRO

VITOR PIRES VENCovsky

2º TESOUREIRO

JOÃO UMBERTO NASSIF

ORADOR

GUSTAVO JACQUES DIAS ALVIM

DIRETOR DE ACERVO

FRANCISCO DE ASSIS FERRAZ DE MELLO

SUPLENTE

ANTONIO MESSIAS GALDINO

VALDIZA MARIA CAPRANICO

CONSELHO FISCAL

ANTÔNIO ALTAFIN

FABIO FERREIRA COELHO BRAGANÇA

FELISBINO DE ALMEIDA LEME

ZILMAR ZILLER MARCOS

SUPLENTE – CONSELHO FISCAL

ELIAS SALUM

FLÁVIO RIZOLLO

GERALDO CLARET DE MELLO AYRES

ROSALY APARECIDA CURIACOS ALMEIDA LEME

TIMÓTHEO JARDIM

HUGO PEDRO CARRADORE

RETRATO DAS TRADIÇÕES

PIRACICABANAS

História e Folclore



EQUILIBRIO
editora



PIRACICABA
Prefeitura do Município
Ação Cultural
Secretaria Municipal

COPYRIGHT © 2010 IHGP
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS AO IHGP

FICHA CATALOGRÁFICA

C311r

Carradore, Hugo Pedro.

Retrato das tradições piracicabanas: história e folclore / Hugo Pedro Carradore. – Piracicaba, SP: Equilíbrio, 2010.
113 p.

Publicado com apoio da Secretaria de Ação Cultural de Piracicaba e do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba - IHGP

ISBN: 978-85-61237-28-8

I. Piracicaba - História. 2. Piracicaba – Folclore. I. Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. II. Secretaria de Ação Cultural de Piracicaba. III. Título.

CDU: 981.612PI

COMISSÃO EDITORIAL

FÁBIO FERREIRA COELHO BRAGANÇA
FRANCISDO DE ASSIS FERRAZ DE MELLO
GUSTAVO JACQUES DIAS ALVIM
TOSHIO ICIZUCA
VITOR PIRES VENCOVSKY



INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA

CNPJ: 50.853.878.0001-48

RUA DO ROSÁRIO, 781 – CENTRO

13400-183 – PIRACICABA – SP – BRASIL

E-MAIL: IHGP@IHGP.ORG.BR — SITE: WWW.IHGP.ORG.BR

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Equilíbrio Editora Sociedade LTDA

DIREÇÃO

Carlos Terra

Gustavo Alvim

CAPA

Genival Cardoso

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Marcel Yamauti

FICHA CATALOGRÁFICA

Rosângela Aparecida Lobo (CRB8 – 7500)

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Printfit Soluções

SUMÁRIO

Apresentação da 3ª Edição.....	vii
Apresentação da 2ª Edição.....	ix
Dedicatória.....	xi
Abertura	xiii
1 - Divisas e Símbolos	1
O Topônimo Piracicaba	1
O Cognome Noiva da Colina.....	1
O Brasão das Armas de Piracicaba	2
O Hino	2
A Bandeira de Piracicaba.....	3
A Bandeira do IHGP.....	3
2 - A Lenda do Salto de Piracicaba	5
3 - A Lenda da Fundação	9
4 - O Escândalo	11
5 - O Rapto da Padroeira.....	13
6 - O Mito da Casa do Povoador.....	15
7 - As Igrejas e os Cemitérios de Piracicaba.....	19
8 - As Cruzes.....	27
A Cruz do Garcia	27
A Cruz do Aleixo	28
9 - Fantasmas Piracicabanos	29
A Inhala Seca	29
Coqueiral Assombrado	30
10 - Mandi, o Modinheiro.....	33
11 - “Os Curiós da Moda de Viola”	37
Craveiro e Cravinho.....	37
12 - Cururu.....	39
13 - Quem foi Parafuso?	55
14 - Congada.....	59
15 - Outras Festanças	61
Cana-Verde.....	61

Dança dos Tangarás	61
O Cateretê e os Violeiros	61
Batuque	62
Samba Rural Paulista.....	63
16 - Festa de São João, de Tupi.....	65
17 - Festa do Divino.....	71
18 - TIPOS POPULARES	83
O Cavalo de Nhô Felix	83
Nhô Jorge Bicheiro, aquele que era Lobisomem.....	85
Nhô Lica	87
Os Pregoeiros Cascafina e Açucarina	88
Brunhoni	89
Epá Lá Lá.....	89
João Jacinto.....	90
Maria da Mala.....	90
Tote — O Cacique da Rua do Porto	91
Elias dos Bonecos.....	92
19 - Nomenclatura das Antigas Ruas e Praças.....	93
20 - Autoridades Executivas de Piracicaba de 1767 a 1997	95
21 - Referências Bibliográficas.....	99

APRESENTAÇÃO DA 3ª EDIÇÃO

O Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP), em consonância com os seus objetivos estatutários e no cumprimento de importante item do seu planejamento de atividades para o ano de 2010, prossegue na prazerosa tarefa de desenvolver e ampliar a sua produção editorial, relativa a obras com foco na história de Piracicaba. Algumas são inéditas, outras reimpressões ou, como no caso deste livro, uma nova edição, que já é terceira, agora enriquecida com mais um interessante tópico sob o título: “A Capela do Passo do Senhor do Horto”, além da atualização do capítulo 20, que relaciona as autoridades executivas de Piracicaba de 1767.

Como os demais livros constantes da extensa lista de publicações do autor, Hugo Pedro Carradore, a leitura da presente obra é imprescindível para quem quer simplesmente conhecer mais da história piracicabana, especialmente suas tradições e o seu folclore. Por certo, é obra imprescindível para historiadores, professores e pesquisadores que encontram nela fonte para seus estudos e trabalhos acadêmicos.

Pedro Caldari
Presidente do IHGP

APRESENTAÇÃO DA 2ª EDIÇÃO

Este livro do Prof. Hugo Pedro Carradore teve uma Primeira Edição, publicada em 1978, pela Prefeitura Municipal de Piracicaba, durante o governo do Prefeito João Hermann Neto. Esta Segunda Edição, revista e consideravelmente ampliada, é feita pelo Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP), por proposta do Prof. Elias Sallum, aprovada unanimemente pela Diretoria desse Instituto.

Este livro de Carradore, de leitura fácil e interessante, reúne informações numerosas sobre Piracicaba, algumas de grande importância histórica, outras meramente curiosas e atraentes. Na sua nova edição foram acrescentados numerosos tópicos, tais como:

*O Topônimo Piracicaba;
O Cognome: Noiva da Colina;
O Hino;
As Igrejas e Cemitérios de Piracicaba;
Fantasmas Piracicabanos;
Craveiro e Cravinho;
Festa de São João, de Tupi;
Tipos Populares;
Nomenclatura das Antigas Ruas e Praças de Piracicaba;
Autoridades Executivas de Piracicaba, de 1767 a 1997.*

Assim acrescido, o livro do Prof. Carradore se tornou ainda mais interessante e mais útil.

*Piracicaba, 15 de dezembro de 1997
Frederico Pimentel Gomes
Presidente do IHGP*

DEDICATÓRIA

AO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA

OFERTA

À memória de meus pais
CARMELO E FLORA

Para minha esposa
IOLANDA

Para meus filhos
CARMELO, HUGHÊTTE e KÁTIA

Homenagem aos Amigos
ELIAS SALUM
FREDERICO PIMENTEL GOMES
EVALDO VICENTE

Saudade
JOÃO CHIARINI
IBIAPABA MARTINS
TITO LÍVIO FERREIRA

OBRAS DO AUTOR:

- Negritude na América (Poesia). Piracicaba: Prefeitura Municipal, 1967;
Cururu, uma dança ao pé do altar (Folclore). São Paulo: Discoteca Municipal, 1969;
- O Circo. Peça teatral, encenada, 1975;
- Retrato das Tradições Piracicabanas. Piracicaba; Prefeitura Municipal, 1978;
- Digressões em torno do Folclore. Piracicaba; Franciscana. 1978;
- Folclore do jogo do Bicho. Piracicaba: Tribuna Piracicabana. 1979;
- Festa do Divino (Folclore). Piracicaba: Prefeitura Municipal, 1981;
- 10 Xilogravuras de Jota Barros. Piracicaba: Autor. 1981;
- Contos Mal Contados e Outros tantos. São Paulo: Pannartz, 1982;
- Etnografia e Folclore do Demônio. São Paulo: Pannartz, 1984;
- Paulista, Graças a Deus (Novela histórica). Piracicaba: Shekinah, 1986 (Prêmio CLIO da Academia Paulistana da História);
- Palmares, o drama da liberdade (poesia). São Paulo: Laserprint. 1988;
- Monte Alegre a ilha do sol (História). Piracicaba: Shekinah, 1996;
- Carnaval uma sinopse da História. Piracicaba: Shekinah, 1996;
- Retrato das Tradições Piracicabanas. 2ª edição, revista e ampliada Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico, 1998;
- Os Caminhos de Almeida Júnior. Piracicaba: Prefeitura/Instituto Histórico e Geográfico, 2001;
- Síntese das Memórias (1900-2002). Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico, 2002;
- Thales de Andrade, uma História Verdadeira, Piracicaba; Degaspari, 2004;
- A Saga de Prudente de Moraes - O Pacificador, Piracicaba; Degaspari, 2008;
- Memórias do Rio Piracicaba (coautor Euclides Buzetto), Piracicaba; Degaspari, 2009.
- História do Pão: etnografia e folclore, Piracicaba; Equilíbrio Editora, 2009;
- Memórias da escravidão, história, Piracicaba; Degaspari, 2010.

ABERTURA

Se há no sudeste do Brasil, um acervo vivo de folclore, ele está aqui, nesta velha “Vila Nova da Constituição”.

Os piracicabanos Alceu Maynard de Araújo e João Chiarini (já falecidos), quando falam das coisas do povo, das danças da gente, vão buscar os seus falares nos saudosos Antônio Vilanova, o mais poeta, e em “Parafuso”, o grande caçotista; em Tranquilo de Lazzari, que foi o maior de todos. Falam, também, da congada, do samba de roda, do bate-pé, ou cateretê, ou do xingamento da cana-verde.

Não basta ver o rio Piracicaba, fazendo o véu do salto, ou a imponência da Escola de Agronomia, com cheiro de mato, para conhecer a terra de Thales Castanho de Andrade. O visitante tem de conhecer seus altares, com os santos em pé no cururu, ou deitados na cana-verde, reviver sem saber a luta entre cristãos e mouros na congada, ou ir aos seus terreiros, “pras bandas do cemitério; assistir à descida dos orixás, dos caboclos e pretos velhos da umbanda. Escutar as lendas e as estórias e conversar com os ribeirinhos.

Aí, então, viu Piracicaba – o maior potencial turístico do Estado.

Os piracicabanos são autênticos, polifacéticos na cultura. Quem os vê e não sabe ver, não pode entender estas falas tão distantes dos voos interplanetários.

A eles a nossa homenagem.

H. P. C.

1

DIVISAS E SÍMBOLOS

O TOPÔNIMO PIRACICABA

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira registra, no Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, o verbete:

“Piracicaba, s.f. (Bras. São Paulo) – lugar que, tendo cachoeira ou outro qualquer acidente natural, não permite a passagem do peixe, sendo, portanto, ótimo pescueiro”.

O topônimo é Tupi, o que tem favorecido inúmeras interpretações. Conforme o Capitão-Mor de Itu, Vicente da Costa Taques Goes e Aranha, “PIRACICABA SIGNIFICA PEIXE QUE CHEGA” ou “LUGAR ONDE CHEGA O PEIXE”.

Theodoro Sampaio diz: “PIRACICABA, corr. Pira-cycaba, A COLHEITA OU TOMADA DO PEIXE. Designa local que, por acidente natural do leito do Rio, não deixa o peixe passar e favorece a pesca. Assim um salto ou queda d’água é uma piracycaba”.

Para Quirino dos Santos, a palavra quer dizer “LUGAR QUE NÃO DEIXA O PEIXE PASSAR”.

Augusto Cesar de Barros Cruz, autor de “O Paulista”, Itu, SP, 1895, dá para a palavra outro significado — “Piracicaba é o lugar da mãe do peixe”.

Martius em Glossaria “Linguae Brasiliense” traduz como: LUGAR ONDE SE JUNTA O PEIXE.

O COGNOME NOIVA DA COLINA

Tal como a cidade de Roma, Piracicaba está situada entre as colinas. Por que noiva? — O “Véu da Noiva” é a bruma que surge sobre o salto à luz das madrugadas.

O cognome “Noiva da Colina”, ou melhor, “Noiva das Colinas” foi criado pelo inspirado poeta Brasília Machado.

*“Sacode os ombros nus, ó Noiva da Colina,
que a luz da madrugada encheu o largo céu,*

*e arranca-te das mãos o manto da neblina
que ondula sobre o rio, enorme e solto véu ...”*

O BRASÃO DAS ARMAS DE PIRACICABA

Inspirados pelo entusiasmo cívico que envolve a Semana da Pátria, temos recebido nestes dias dezenas de escolares que procuram conhecer o significado do Brasão de Armas de Piracicaba.

Para conhecimento de todos, reproduzimos, a seguir, a constituição do nosso “Brasão”, bem como o significado das palavras que o compõem.

O Brasão de Armas de Piracicaba foi instituído juntamente com o Dia de Piracicaba, pela lei nº 301, de 17 de junho de 1952, na gestão do saudoso Dr. Samuel de Castro Neves, e tem um escudo em campo azul, cortado por duas faixas de prata, postas em aspas, vendo-se numa delas peixes vermelhos e, na outra, uma cabeça e um braço. O escudo é encimado por uma coroa mural da cidade, em prata, que tem por escudete a cruz de Cristo, circundada por uma faixa amarela. Guarnecem o conjunto: feixe de cana e ramo de café. A base do Brasão, escrito em branco sobre a faixa, o dístico: “Audax in Intellectu et in Labore”.

O Brasão foi alterado pela lei nº 1491, de 3 de julho de 1967. O parágrafo primeiro do artigo terceiro, da lei nº 301/52, passou a ter a seguinte redação:

“O Brasão de Armas terá um escudo em campo azul, cortado por duas faixas de prata, postas em aspas, vendo-se numa delas peixes vermelhos em cardume e na outra uma cabeça e um braço. O escudo é enominado por uma coroa mural de cidade, em prata, que tem por escudete a cruz de Cristo, circundada por uma faixa amarela. Guarnecem o conjunto: feixe de cana e ramo de café. A base do Brasão, escrito em branco sobre faixa azul, o dístico: AUDAX IN INTELECTUN ET IN LABORE”.

O HINO

O hino da cidade de Piracicaba, segundo depoimentos de contemporâneos de Newton de Mello e segundo ele mesmo, escreveu e compôs a música de “Piracicaba” e os versos em cinco minutos: nasceram espontaneamente, a canção e os versos, música e letra. Quem fez a primeira harmonização foi o maestro Carlos Brasiliense, a lápis, para completá-la depois. Mas Brasiliense morreu logo em seguida. Então, pediu ao maestro Danuzio Benencase que fizesse os retoques que se tornaram definitivos”.

O hino “Piracicaba” foi criado em 9 de setembro de 1931. A primeira gravação foi feita por Cobrinha, Ângelo Cobra, em disco “Colúmbia”:

*Numa saudade que punge e mata,
Que sorte ingrata! — longe daqui,
Em um suspiro triste e sem termo,
Vivo no ermo, dès que parti.*

*Estrilho
Piracicaba que eu adoro tanto,
Cheia de flores,
Cheia de encanto ...
Ninguém compreende a grande dor que sente
O filho ausente a suspirar por ti!
Em outra plagas, que vale a sorte?
Prefiro a morte junto de ti.
Amo teus prados, os horizontes,
O céu e os montes que vejo aqui.*

*Só vejo estranhos, meu berço amado,
Tendo a teu lado o que perdi ...
Pouco se importam com teu encanto,
Que eu amo tanto, dès que nasci ...*

A BANDEIRA DE PIRACICABA

A bandeira de Piracicaba foi instituída pela lei 381, de 2 de outubro de 1953, promulgada pelo prefeito Samuel de Castro Neves.

A bandeira é descrita no artigo 2º da lei:

“O seu campo será verde veronese, tendo no centro o seu brasão de armas, abrangido por um círculo branco”.

A BANDEIRA DO IHGP

A bandeira do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba foi instituída em 1999 e hasteada no início de 2009.

2

A LENDA DO SALTO DE PIRACICABA

“No fundo do rio Piracicaba, bem ali no lugar que se lança, formando um véu de espuma sob as águas que cobrem a rocha bruta, há uma masmorra escura e triste; uma prisão, onde está encerrada a mais bela jovem do mundo, pela qual o Rio se apaixonou ...”

Tudo começou bem antes de 1963, de Pedro Morais Cavalcante requerer a região como sesmaria; bem antes dos índios, guerreiros valentes chegarem para habitar às margens do Salto; para dizer a verdade: antes mesmo que a história começasse a ser contada ...

O Rio era tranqüilo e sereno, não havia a fúria da cachoeira para perturbar a piracema e o nome não era Piracicaba. A natureza não havia sido machucada pelas mãos dos poucos pescadores, que lançavam suas redes nas águas mansas e límpidas, onde as garças brancas de penas vermelhas quebravam o espelho, para trazer no bico um lambari muito prateado.

No despertar fulgurante do sol, saudado pela sinfonia dos pássaros há pouco acordados, havia quem afirmasse ter visto surgir do âmago da floresta, uma virgem tão bela como a fada, para entregar-se às águas do Rio.

A pele morena-rosada tal como ao sapoti, que nenhum fruto pode superá-lo em sabor e maciez; cabelos negros, iguais à noite, tão longos como o corpo bem torneado; olhos verdes, cor da mata da qual era filha e os lábios carnudos, vermelhos como as penas das araras; faziam-na uma criatura que só pode existir na imaginação.

Com o seu aparecimento sempre longe dos olhos humanos, para se entregar à carícia das águas rolando moleza macia, a natureza silenciava: os pássaros deixavam de reproduzir com seus trinados a orquestra das flautas; os canários-da-terra, que, em bandos enormes, pintavam tudo de amarelo, fazendo grande alarido, não sabiam mais chilrear; a araponga calava o seu canto, como um ferreiro que repousa o malho para olhar a maga aborígene; o inhambu aquietava-se no chão como um montículo de penas, silencioso esquecia do pio capaz de percorrer todas as escalas; até mesmo as onças e os jaguares não se atreviam a rugir ...

Quando apenas o cri-cri dos grilos, o coaxar dos sapos e o piado d'alguma

ave noturna escandalizava o silêncio da madrugada, os rudes pescadores, na escuridão de seus ranchos, ouviam um canto melodioso e triste, que vinha de longe, da espessa e entrelaçada floresta. Aquele canto exercia uma fascinação tão grande, que os indefesos homens da pequenina aldeia, desafiando todos os imprevisíveis perigos da selva, embrenhavam-se nela.

Sem poder compreender o encanto, as mulheres, inutilmente, tentavam prender no interior dos casebres seus esposos e os filhos moçoilos. Mas, era em vão, como que puxados por um fio invisível arrastados pela voz apaixonante, enfeitiçados eles iam à procura da jovem orientando-se pelo som da melodia, sem contudo encontrá-la. Quando retornavam trôpegos, feridos e rasgados pelos espinhos, o sol já estava alto.

Muitas vezes, ao amanhecer, escondidos, espreitavam às margens do Rio na esperança de surpreendê-la em seu banho, porém perdiam o tempo, ela não aparecia ...

À tarde, fazia as três horas, quando o velho pescador deu o alarma à pequena comunidade: dia amanhecera, o sol já estivera a pino. O filho, que deixara o leito durante a noite ainda não retornara à casa.

Preocupados, todos foram à procura do mancebo. Alguma coisa devia ter-lhe acontecido! Procuraram-no durante muitos dias. Chamaram-lhe aos brados pelo nome e só o eco nas colinas respondeu ...

— Isso é obra da maldita feiticeira! blasfemavam as mulheres!

* * *

Hercúleo, ofegante, cabelos dourados, úmidos de sereno, o jovem pescador rompia a parede espessa da ramagem, com o peito nu, penetrando mais e mais na mata, em direção ao canto magnífico, cujas palavras não consegui entender.

De repente, numa clareira, banhada pela lua, deslumbrante e frágil, diáfana como o sobrenatural, ela surgiu diante de seus olhos ... Transbordando de felicidade, o moço atirou-se aos seus pés. A fada nativa sorriu ... tomou-o pelas mãos, erguendo-o para os seus braços ... Ele, abraçado a ela, ela abraçada a ele caminharam, caminharam rumo ao mundo dos sonhos ...

A partir daquele instante, a natureza chorou de alegria com lágrimas de orvalho e, na nova manhã, os ramos abriram seus botões, para o beijo do sol. Os frutos tornaram-se mais doces e perfumosos ...

Nas madrugadas, os pescadores voltaram a ouvir o mesmo canto, agora mais melodioso ainda, porém cheio de alegria ... Era um hino de felicidade ... Só o Rio estava calado, contudo suas águas começavam a crescer como se estivesse transbordando nas próprias lágrimas de amargura, pela ausência da fada nativa

... Até que certa manhã, mal havia o sol avermelhado o horizonte, os pescadores sobressaltados, acordaram com um barulho ensurdecedor; parecia que o mundo vinha abaixo ... Num salto, o leito do Rio procura desligar-se da terra. Como um gigante ferido, acordado de seu sono milenar, rugindo, tonitruante, rebelar-se contra a natureza com fúria colérica. Encrespa-se, agita-se nos canais entrecruzados, formando círculos concêntricos ... transborda ...

Os animais, agitados, num tropel fugiram para as colinas aos primeiros sinais da catástrofe, dado pela revoada desordenada das aves ribeirinhas ...

As casas foram arrastadas; muitas, das poucas vidas humanas foram tragadas, alimentando o seio do Rio ... Pavor! ...

Depois o cataclisma cessou, o leito, cansado, voltou ao seu lugar, porém, agora, as águas correm ligeiras e projetam-se num turbilhão de espuma do compacto paredão de granito que formara na febre da revolta.

Aquele fenômeno, que deu origem ao Salto, ninguém sabia explicar, mas, na verdade, os fatos assim aconteceram.

Após muitos dias de devaneio, pisando flores, correndo atrás de polibrônicas borboletas, depois de muitas e muitas noites repousando sobre a relva, enquanto a lua indiscreta iluminava os seus beijos com uma chuva de prata, ela quis entregar o seu corpo ao Rio, como o fazia antes de cada alvorada ...

De mãos dadas chegaram à margem emoldurada de avencas e begônias ... Com um sorriso nos lábios, a cunha, deixou o enamorado e lançou-se nas águas tranqüilas, deslizando por entre as plantas aquáticas, enfeitadas de delicadas flores ...

Depois de um mergulho, não mais voltou à tona. O Rio, enciumado do romance, havia tomado-a definitivamente para si ...

O pescador inquieto percebeu o rapto; tresloucado atirou-se às profundezas escuras, em busca de sua amada ... Foi uma luta terrível, uma batalha grotesca ... Finalmente, o Rio venceu devorando o rival e aprisionando a bem-querida numa masmorra de pedra ...

* * *

Quem vai ao Salto nas horas mortas da madrugada ouve o desafio “ribombante” do Rio e o pranto da jovem ... E quando o gigante desconfia que alguém se atira em seu seio para libertar a prisioneira, não perdoa, tira-lhe a vida.

3

A LENDA DA FUNDAÇÃO

Quanto à fundação de Piracicaba, há uma história que parece vir de muito longe, tida ainda por muitos como verdadeira. Repetida de geração em geração, foi registrada, pela primeira vez, por M. E. Azevedo, em seus "Apontamentos Históricos".

Em 1860, J. J. Von Tschudi, diplomata e sábio suíço, esteve na então cidade da Constituição, na qualidade de ministro da República Helvética no Brasil, com a incumbência particular de estudar os problemas da imigração suíça no Império. Posteriormente, fez um relato de sua estada em "Reisen Durch Sud Amerika, traduzido e editado como volume V da Biblioteca Histórica Paulista da Livraria Martins, em 1954, que é o seguinte:

"Atravessamos o rio Piracicaba depois da cidade e me hospedei em casa do médico alemão Dr. Kupfer. Logo acima da ponte, o rio se lança por cima de grandes pedras que lhe obstruem o leito e, nas épocas de chuva, o encachoeirado apresenta belíssimo aspecto. Quando o vi, em fins de agosto, era insignificante. Depois da queda, o rio desliza calmo em seu leito largo, passa pela cidade e vai juntar-se, seis léguas abaixo, com o Tietê, sendo neste percurso navegável mesmo para embarcações maiores. Em fins do século passado (aqui começa a lenda) e nos começos deste, os chefes da polícia de Itu e Porto Feliz costumavam deportar os criminosos e as mulheres de maus costumes para esta lugar, onde a selva virgem cobria toda a região. Saíam de Porto Feliz, seguindo o Tietê abaixo até a confluência do Piracicaba, que subiam embarcados em canoas pesadas, que faziam a viagem em 15 dias. Atualmente, vai-se a cavalo até Porto Feliz em cinco ou seis horas. Em 1810, construiu-se nesse lugar de degredo uma igreja e, pouco a pouco, outras pessoas livres vieram localizar-se aí. Mas, somente em 1882 foi que um preto avisado procurou descobrir o caminho para a cidade de Itu, a onze léguas de distância. Foi bem sucedido e, no traçado da primitiva picada, construiu-se a estrada. No correr do tempo foi-se, também, explorando a mata em direção de Rio Claro e Campinas, abrindo-se, assim, uma vasta região à cultura e à produção. A matriz de Piracicaba tornou-se vila e, mais tarde, sob o nome oficial de Cidade da Constituição, nome que apenas consta nos documentos oficiais, pois o povo continua a chamá-la de Piracicaba."

Graças à publicação oficial de documentos colecionados através de sérias pesquisas, a verdadeira história da fundação foi escrita e estamos certos de que essa narrativa não passa de uma lenda.

Mário A. Neme, em “Piracicaba — Documentário 1936, explica as origens da lenda:

“Parece que foi ela urdida com fins diversos: desvirtuar os intuítos que levaram d. Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão — Morgado de Mateus — Capitão General da Capitania de São Paulo, de criar a povoação de Piracicaba em 1767; deprimir os primeiros povoadores que para aqui foram atraídos pela fertilidade do solo de terra roxa apuradíssima; fantasiar um infeliz degredado como possuidor de instinto de direção em tão apurado grau, que só lhe bastou uma única viagem de Porto Feliz a Piracicaba para precisar a direção geral dos rios Tietê e Piracicaba, desde o ponto de encontro até os saltos de Itu e Piracicaba, e então calcular que, apesar de longa a viagem por água, não devia ele estar muito longe de Itu, sua terra querida. Essa lenda quer se valer da fundação de Piracicaba para acentuar as arbitrariedades dos capitães-mores de Itu e Porto Feliz. O Capitão-Mor de Itu, Vicente da Costa Taques Goes e Aranha, foi eleito em 1779, doze anos depois de fundada esta povoação (Piracicaba), e cinco anos depois de ser elevada a freguesia, e só prestou bons serviços a Piracicaba, revelando em tudo o seu grande talento, espírito humanitário e caráter são. O Capitão-Mor de Porto Feliz, Francisco Corrêa de Moraes Leite, ainda excedeu o seu colega de Itu nos bons serviços prestados a Piracicaba, e, sem nenhum partido tirar desta povoação com o fim de castigar os seus súditos que lhe caíam em desagrado, pois que a modesta freguesia de Araritaguaba foi elevada a vila em 1797 com o nome de Porto Feliz, quando a freguesia de Piracicaba contava já vinte e três anos de existência e já era de alguma importância e muito futura”.

4

O ESCÂNDALO

Pelos idos de 1776 era comandante do destacamento “da força armada” da freguesia, Carlos Bartholomeu de Arruda. Natural de Itu, onde havia deixado a família, tornou-se na povoação muito estimado de todos, pela influência que tinha sobre o Capitão-Fundador, homem reconhecidamente perverso, violento e mau político. Era ele quem abrandava o péssimo gênio de Antônio Corrêa Barbosa, evitando muitas vezes que nos seus momentos de cólera cometesse desatinos.

Foi esse homem motivo de escândalo e de muito mexerico na jovem população.

Tendo falecido um rico emigrado, do qual era amigo, Carlos Bartholomeu passou a consolar a jovem viúva, visitando-a todas as noites.

Com o tempo, o fala-fala foi crescendo e passou dos cochichos aos protestos dirigidos ao Capitão Povoador, sobre aquela consolação escandalosa. Antônio Corrêa Barbosa foi obrigado a inteirar-se do fato e levá-lo ao conhecimento do Capitão-Mor de Itu, pedindo a retirada do comandante da força. Porém, quando a população ficou sabendo da possível partida de Bartholomeu, temendo a falta do “freio” do Povoador, fez uma representação em favor de sua permanência no posto.

Frente aos acontecidos, o Capitão Diretor determinou que a dita viúva fosse exilada para Itu. Esta, por sua vez, chegando ao exílio, requereu ao Capitão Geral de São Paulo o retorno a Piracicaba, alegando que o ato imposto pelos capitães havia sido uma arbitrariedade, dizendo ainda que havia deixado bens em Piracicaba e que os mesmos estavam sendo roubados e delapidados.

Resultou desta petição seu retorno e uma ordem a Antônio Corrêa Barbosa expressa nestes termos

“Não consinta que Carlos visite Flora em casa desta e nem que esta visite o comandante em casa deste, e além disto que não se encontrem em parte alguma, até mesmo na capoeira.”

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo principal analisar a atuação do Ministério Público em face da responsabilidade civil dos servidores públicos, bem como a possibilidade de responsabilização dos mesmos em face do Estado. Para isso, foram analisados os princípios da responsabilidade civil, a responsabilidade civil dos servidores públicos, a responsabilidade civil do Estado e a atuação do Ministério Público em face da responsabilidade civil dos servidores públicos.

Conclui-se que a responsabilidade civil dos servidores públicos é de natureza objetiva, ou seja, não depende de culpa. A responsabilidade civil do Estado é de natureza objetiva, ou seja, não depende de culpa. A atuação do Ministério Público em face da responsabilidade civil dos servidores públicos é de natureza objetiva, ou seja, não depende de culpa.

Assim, a responsabilidade civil dos servidores públicos é de natureza objetiva, ou seja, não depende de culpa. A responsabilidade civil do Estado é de natureza objetiva, ou seja, não depende de culpa. A atuação do Ministério Público em face da responsabilidade civil dos servidores públicos é de natureza objetiva, ou seja, não depende de culpa.

Assim, a responsabilidade civil dos servidores públicos é de natureza objetiva, ou seja, não depende de culpa. A responsabilidade civil do Estado é de natureza objetiva, ou seja, não depende de culpa. A atuação do Ministério Público em face da responsabilidade civil dos servidores públicos é de natureza objetiva, ou seja, não depende de culpa.

Assim, a responsabilidade civil dos servidores públicos é de natureza objetiva, ou seja, não depende de culpa. A responsabilidade civil do Estado é de natureza objetiva, ou seja, não depende de culpa. A atuação do Ministério Público em face da responsabilidade civil dos servidores públicos é de natureza objetiva, ou seja, não depende de culpa.

Assim, a responsabilidade civil dos servidores públicos é de natureza objetiva, ou seja, não depende de culpa. A responsabilidade civil do Estado é de natureza objetiva, ou seja, não depende de culpa. A atuação do Ministério Público em face da responsabilidade civil dos servidores públicos é de natureza objetiva, ou seja, não depende de culpa.

Assim, a responsabilidade civil dos servidores públicos é de natureza objetiva, ou seja, não depende de culpa. A responsabilidade civil do Estado é de natureza objetiva, ou seja, não depende de culpa. A atuação do Ministério Público em face da responsabilidade civil dos servidores públicos é de natureza objetiva, ou seja, não depende de culpa.

Assim, a responsabilidade civil dos servidores públicos é de natureza objetiva, ou seja, não depende de culpa. A responsabilidade civil do Estado é de natureza objetiva, ou seja, não depende de culpa. A atuação do Ministério Público em face da responsabilidade civil dos servidores públicos é de natureza objetiva, ou seja, não depende de culpa.

5

O RAPTO DA PADROEIRA

Com o abandono da colônia de Iguatemi ficaram sendo de nenhuma importância os motivos da existência da povoação na margem direita do Piracicaba; já que não havia mais necessidade de estaleiro para a fabricação de canoas e do rio como barreiro que dificultasse aos soldados e degredados apanharem durante a noite a estrada para Itu, e por isso promoveram o Capitão Diretor Antônio Corrêa Barbosa e o vigário Frei Thomé de Jesus um abaixo assinado que chegou às mãos do Capitão General Francisco de Cunha Menezes, em 6 de fevereiro de 1784, pedindo a mudança da povoação da margem direita do rio para o lado fronteiro da margem esquerda.

* * *

No sábado, 31 de julho do mesmo ano, depois da Santa Missa na qual o Capitão-Mor, o Capitão Povoador, o Mestre Entalhador Armador e o povo, haviam solicitado as Graças do Altíssimo, pela intercessão da Virgem, todos se dirigiram para a margem esquerda do rio, ao lugar escolhido para a mudança da povoação. “Aí delineou o Mestre Entalhador Armador e beneplácito de todos, páteo com quarenta e seis braços em quadra, e seguindo de norte a sul e de leste a oeste, para edificar-se a Igreja Matriz em qualquer parte dele, que o Exmo. Bispo Diocesano ou seu delegado fosse servido consignar, e delineou mais aos lados do referido páteo duas ruas diretas do sul ao norte e duas travessas de oeste a leste ...”

* * *

Contudo, imediatamente surgiram as dissensões. Antônio Corrêa Barbosa não encontrava quem se prestasse na edificação da nova Igreja. Isso porque o povo queria que a padroeira continuasse sendo Nossa Senhora dos Prazeres, cuja imagem havia-se obtido com ingentes sacrifícios e da qual, desde os princípios da povoação era venerada como protetora particular do lugar. Em contra ponto-de-vista, o Povoador, vaidoso, insistia por um novo padroeiro: Santo Antônio, santo do seu nome ...

Só quando, não se sabe como, a imagem de Nossa Senhora dos Prazeres

desapareceu, foi levantada a nova igreja de dimensões iguais às de outra construída por ordem de Dom Luís Antônio.

* * *

Para justificar o desaparecimento da imagem, os partidários de Antônio Corrêa Barbosa divulgaram uma estória que hoje atentaria a credulidade do mais místico dos cristãos, a qual se transformou em lenda:

Alguém viu, mas ninguém sabe quem foi, talvez tenha sido algum pescador que deixara o rancho para armar suas redes . . .

Era noite alta, a lua derramava sua claridade bruxuleante sobre a paisagem do rio, quando aconteceu o milagre do rapto. Envolta por uma luz fulgente, uma estranha canoa desceu o caudal, deslizando pela correnteza, apenas tangida por quatro diáfanos anjos e levando no seu bojo a imagem da Virgem dos Prazeres...

6

O MITO DA CASA DO POVOADOR

A *Casa do Povoador* é um “mito” que se perpetuou pelo “ouvi dizer”. Na história documentada de Piracicaba, não há qualquer referência que a mesma tenha sido edificada pelo ou para o Capitão Antônio Corrêa Barbosa.

Por meio de uma análise não muito acurada, pode-se concluir que a casa, transformada em marçõ histórico, não é a verdadeira relíquia que marca o momento da Fundação.

O lar bandeirista, como uma fortaleza, sempre se situou em ponto estratégico, alto e dominador da paisagem, nunca beijando a água, sujeito às enchentes, ao ataque dos mosquitos e dos índios.

O estilo arquitetônico não corresponde aos fins do século XVIII, ou mais exatamente de 1767, do tempo do povoamento inicial ou da mudança do vilarejo para a margem esquerda. Sua construção teria sido de pau-a-pique; mesmo que não o fosse não resistiria à ação do tempo, pelo abandono de quase duzentos anos.

Pelos levantamentos chegou-se até uma tal Ana Joaquina de Arruda. Pesquisas feitas com o auxílio do companheiro do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Jair de Toledo Veiga, por meio de escrituras e inventários, chegamos até Manuel João Ferreira Júnior que adquiriu, por escritura, em 13 de agosto de 1890 (cartório do 1º ofício, livro 97, fl. 1) de Joaquina Ferraz de Camargo e seus filhos, a casa com respectivo terreno na Rua do Porto. Essa propriedade, Joaquina Ferraz de Camargo recebera por herança de José Carlos Camargo. Muito se discutiu sobre o assunto, até que o prefeito municipal Jorge Pacheco Chaves, pelo decreto nº 22, de 5 de outubro de 1944, declarou o velho casarão de utilidade pública, a fim de ser adquirido por desapropriação judicial ou por via amigável, para constituir-se patrimônio histórico.

No dia 29 de dezembro de 1945, por escritura lavrada no 1º tabelião (livro 344, fls. 5), a Prefeitura adquiriu de José Vigno e sua mulher Maria Buzato, o referido, sito na Rua do Porto sob nº 1, pela importância de 8.000\$000.

José Vigno havia comprado essa casa do Dr. Holger Jensen Kock e sua mulher, em 12 de dezembro de 1929, cuja escritura se encontra no 1º tabelião (livro 231, fls. 173, transcrição sob nº 16.531, fls 179 do livro 3-Q).

O Dr. Holger Jensen adquirira o imóvel por escritura de compra e venda em 1º de agosto de 1922, do Asilo de Órfão Coração de Maria Nossa Mãe (1º tabelião, livro A-47, fls 42).

O Asilo de Órfão Coração de Maria Nossa Mãe torna-se proprietário da suposta Casa do Povoador em 21 de janeiro de 1922, no inventário de Maria Antonia Torres, processando no cartório do 1º ofício (gaveta ou maço nº 113).

Maria Antonia Torres adquiriu o casarão em 14 de novembro de 1913, no inventário de Firmino Bueno de Oliveira (processado no 1º ofício local, gaveta ou maço nº 8-103). Firmino era dono dos prédios de números: 6, 1, 2 e 3.

Segundo consta em escritura, lavrada em 13 de janeiro de 1909 (cartório do 2º ofício, livro 93, fls. 24), Firmino Bueno comprou de Antonio Dias Nápoles e sua mulher, a “casa de sobrado” com o respectivo terreno anexo, na Rua do Porto, no quarteirão entre as Ruas São José e Prudente de Moraes.

As dúvidas começam de 1894 para trás. Neste ano, parece que Firmino Teixeira comprou a propriedade de Cláudio Severiano Luz Teixeira. A escritura não foi encontrada, mas, na Prefeitura, o prédio nº 21 está em nome deste.

Cláudio Severiano Luz Teixeira, por escritura datada de 2 de junho de 1894, comprou de Ana Brandina de Oliveira, viúva de Manuel João Ferreira Júnior (cartório do 2º ofício, livro 61, fls. 29) por 300\$000 (trezentos mil réis), três casas, entre as Ruas Prudente de Moraes e São José, à margem esquerda do Rio Piracicaba.

Do inventário de Manuel João Ferreira Júnior (cartório do 1º, gaveta 28) coube metade dos bens para a viúva e a outra metade a Sebastião das Neves Ribeiro, casado com sua filha, Maria Ferreira das Neves. Neste inventário foi descrita uma “casa de sobrado” na Rua da Praia, nº 6 (Casa da Alfândega?), que dividia por um lado com Ana de Arruda (Ana Joaquina de Arruda), mulher de José Campos Negreiros, do outro lado com a Rua São José. Pelos fundos com a propriedade de Antonio de Faria de Souza, com um moinho e serra d’água, avaliado em 2:300\$00 (dois contos e trezentos mil réis).

No testamento de Ana Joaquina de Arruda, falecida em 20 de dezembro de 1847, esta declara ser filha de Maria Flôr (ou Flora), viúva de um emigrado que manteve um escandaloso romance com o comandante Carlos Bartholomeu de Arruda.

A Comissão Executiva dos Festejos do II Centenário incumbiu-se da perpetuação definitiva do “mito”.

No dia 1º de agosto de 1967, na solenidade da inauguração do Marco do Bicentenário, junto à Casa do Povoador, o professor Joaquim Do Marco reafirmou a tradição popular em uma bela peça de oratória.

“Foi à beira deste rio, abaixo deste salto, que morou Antônio Corrêa Barbosa, o Povoador. A casa, onde ele morou, envelhecida, deformada, mal habitada, ainda está aqui, de pé. É a Casa do Povoador. É o maior e mais expressivo símbolo histórico que, apesar de tudo, ainda resta da fundação da cidade. Verdadeira

reliquia a relembra o momento do nascimento. Por isso, precisa ser restaurado e conservado, como símbolo para gerações futuras.”

Tinha razão o emérito professor, quando afirmava: “Conservada como símbolo para as futuras gerações”, a Casa do Povoador é apenas um símbolo e não uma realidade, a verdadeira Casa do Povoador.

Em 2 de agosto de 1970, Thales Castanho de Andrade escrevia no Jornal de Piracicaba uma página literária cheia de emoção e lirismo:

— Aclamaram-na PADRÃO, MARCO, MONUMENTO!

— Proclamaram-na MUSEU, ESCOLA, EXEMPLO, MODELO, IMÁ, TESTE DE PIRACICABANIDADE!

— Titularam-na, por direito, correntemente – A CASA DO POVOADOR!

Recebendo o valor memorial da CASA DO POVOADOR, depois desapropriada e adquirida pela Prefeitura, atendendo a uma solicitação do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Vinício Stein Campos, Conselheiro-Secretário do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Turístico do Estado, propôs ao Órgão a abertura do processo de tombamento, isso em 31 de março de 1969.

Em 9 de março de 1970, o Secretário de Cultura da época, Orlando Zancaner, nos termos do artigo 1º do decreto-lei nº 149, de 15 de agosto de 1969, decretou o tombamento da Casa do Povoador como monumento histórico do Estado de São Paulo. Essa resolução foi publicada no Diário Oficial de 10 de março de 1970 (página 48).

No ano seguinte, em 31 de março de 1971, o prefeito Cássio Paschoal Padovani recebeu pelo ofício PC-15/71, autorização do CONDEPHAAT para executar obras de emergência na CASA DO POVOADOR, pois esta se encontrava em ruínas.

Em 1º de dezembro de 1971, o engenheiro Fernando Nunes de Abreu assinou o Laudo de Conclusão de Obra.

AS IGREJAS E OS CEMITÉRIOS DE PIRACICABA

Os primeiros colonos do Brasil deixaram São Vicente e galgaram a desafiante muralha da Serra do Mar, para instalarem-se no Planalto Piratinigano, atraídos pelo lendário ouro do pico do Jaraguá e pelas riquezas fabulosas que a floresta escondia.

O caminho para a fortuna estava representado pelo rio Tietê que, por uma pilhéria da natureza, contestando a formação de quase todos os rios do mundo, nasce próximo ao litoral e, no lugar de orientar-se para o mar, agigantava-se em direção ao continente.

Na febre do ouro, na marcha para o oeste, em 1718, os bandeirantes paulistas descobrem as minas de Cuiabá ... Piracicaba abre os olhos na carreira do ouro, sob o signo da cruz e no manto de Nossa Senhora dos Prazeres, oficialmente fundada pelo ituano Antônio Corrêa Barbosa, em 1º de agosto de 1767, à margem direita do rio do mesmo nome.

Em 9 de junho de 1981, quando funcionários da Prefeitura Municipal abriam valetas defronte a Catedral de Santo Antônio, para construção de uma galeria pluvial, depararam com ossadas humanas. Imediatamente, os serviços foram paralisados, atendendo determinação de representantes do CODEPAC.

“As ossadas, encontradas na frente da Catedral de Santo Antônio, pertencem aos fundadores da cidade.

“A afirmação é do prof. Hugo Pedro Carradore, vice-presidente do CODEPAC e historiador. A revelação surpreendeu a todos. Dizendo que já desconfiava do fato, o prof. Hugo Pedro Carradore só fez a afirmativa no fim da tarde de ontem, depois que as sepulturas foram examinadas por especialistas.

“Cerca de uma centena de corpos estão enterrados nesse local, fato considerado muito comum pelos historiadores, devido à proximidade da igreja. ‘Era costume antigo enterrar os mortos perto da igreja ou no seu interior conforme a posição social ...’ (Diário, 10/06/81)”

A história das igrejas e a dos cemitérios estão intimamente ligadas.

O primeiro cemitério de Piracicaba localizou-se junto à primeira capela ao lado direito do rio, nas vizinhanças dos prédios atualmente desativados do Engenho Central.

No dia 31 de julho de 1784, foi escolhido e marcado o local da nova igreja à margem esquerda do rio Piracicaba, no mesmo sítio onde se encontra hoje a Ca-

tedral de Santo Antônio, inaugurada e 1º de novembro de 1959. Contudo anos depois da mudança da povoação por culpa dos maus fígados do Capitão Povoador que não se entendia nem com o vigário, nem com os primeiros povoadores.

Da carta assinada pelo Capitão-Mor de Itu em 8 de janeiro de 1785, dirigida ao Capitão Geral de São Paulo, pode-se ter um retrato fiel de Antonio Carlos Barbosa:

“Um índio de qualquer aldeia, porém *branco de origem; muito forte, duro, animoso, agradável, ágil para caça e pescaria, totalmente desgovernado, inútil para si e para os seus, sem regra, sem palavra, inábil para qualquer instrução e reforma, este é o capitão-mor Antonio Corrêa Barbosa*”.

Pela primeira vez com data de 22 de outubro de 1827 entre os documentos de Piracicaba encontra-se uma referência às obras da Matriz.

“... declaro que deixo hua dobra para as obras da matriz nova de nosso Padroeiro o Senhor Santo Antonio (cuja a situação era precaríssima), meu testamento entregara a dita quantia ao Procurador da mesma obra se principiar a Matriz”.

O texto e parte das disposições de Dona Maria Flor Morais, responsável pelos escândalos amorosos que tomaram conta da nascente vila, decantada musa dos amores proibidos com o sargento Carlos Bartholomeu Arruda.

Em 17 de abril de 1789, numa terça-feira, chegou a Piracicaba o Padre José Francisco de Paula, pois fazia cerca de dez anos que a povoação estava sem guia espiritual.

O primeiro assentamento de óbito encontrado nos livros competentes que existem na Cúria Diocesana (livro 1) data de 30 de setembro de 1804. Isto quer dizer, que antes desta data, não havia registros para os enterramentos, embora se saiba que os corpos eram inumados na igreja, no adro das igrejas, nas capelas dos arredores. Os escravos, as crianças não batizadas e os que morriam em pecado mortal eram enterrados nos sítios ou fazendas de sua Sede.

No assentamento de óbito de 3 de março de 1805, lê-se: “Aos três do mês de março de 1805, faleceu José de idade de 19 anos, com o sacramento da Penitência e Unção filho solteiro do Capitão Francisco Franco da Rocha e de sua mulher dona Rosa Soares. Foi encomendado e sepultado dentro do que fiz este assento. O Vigário Manuel Joaquim Amaral Gurgel”.

Os registros de óbitos da época trazem ora a expressão “dentro”, ou “fora”. Com a falta de cemitérios municipais, os corpos eram sepultados dentro ou no adro das igrejas, dependendo da importância atribuída ao defunto.

Em 23 de julho de 1831 (pela segunda vez), a Câmara Municipal solicitava verba ao governo da província para reparos urgentes na matriz, cuja torre estava prestes a ruir.

No dia 29 de abril de 1835, o vigário solicitava à Câmara Municipal urgentes providências quanto ao novo cemitério, porque os corpos que estavam sendo enterrados junto à igreja prejudicavam as reformas que nela se processavam. A justificativa para esse ofício do reverendo padre está no “ad Perpetuum”, costume de os cemitérios localizarem-se dentro ou em torno das igrejas. Em 1928, já havia o governo provincial legislado para que os campos-santos fossem transferidos para local mais apropriado, a bem da saúde pública.

O vigário, padre Manoel José de França, toma posse em 30 de junho de 1836, dando um novo alento às obras de reconstrução da Matriz de Santo Antônio, ruída em 1833.

Em vereança, no dia 11 de novembro de 1937, foi aprovada uma indicação do edil José Siqueira, impedindo o sepultamento dentro da Matriz. Alarmante foi a revelação do vereador Teotônio José de Mello: dado o total abandono em que se encontrava o cemitério da Vila, vira um cão devorando um cadáver. Assim, pedia que o mesmo fosse cercado e que tal cerco deveria ser taipa, pois havia muito roubo de cercas (lascas). Propunha ainda que, para tanto, fosse feita uma subscrição pública.

É conveniente lembrar que, somente em 1849, o cemitério da Praça Tibiriçá foi devidamente cercado; só então a população passou a ter menos reserva em sepultar seus mortos naquele sítio que, até então, não havia sequer recebido a bênção da Igreja.

J. J. Von Tschudi, diplomata e sábio suíço, que esteve em Constituição (Piracicaba) em 1860, deixou de sua estada um precioso relato do qual transcrevemos o trecho:

“A igreja matriz é pequena e nada apresenta notável; a do Rosário não passa de uma capela e a terceira igreja, a da Boa Morte, ainda em construção, está sobre a colina, em situação privilegiada, dominando o panorama da cidade. Dizem que um homem excepcionalmente originário de Itu, Miguel Arcanjo Benício Dutra, planejou a construção desta igreja. Residindo desde alguns tempos em Piracicaba, fundou a Irmandade da Boa Morte e projetou a igreja, cuja construção iniciou em 1853. Benício Dutra, arquiteto, escultor, pintor, carpinteiro, tudo enfim, a um tempo, pôs mãos a obra, inflamado por zelo verdadeiramente religioso, e, com modestos recursos financeiros que conseguiu, levou até onde pode. *A igreja é formada por três corpos, que segundo os planos do arquiteto deverão ser cobertos por uma grande abóbada.*”

“Benício Dutra possui também uma coleção de raridades, que não pude visitar porque se achava ausente na ocasião. Asseguraram-me que se tratava de um homem modesto, trabalhador, incansável e extremamente talentoso, que teria conquistado renome, se tivesse tido uma educação adequada na Europa.”

O sábio suíço equivocou-se. As obras da Boa Morte não foram iniciadas em 1853, mas, sim, em 4 de abril de 1851; Miguelzinho conquistou renome nacional e deu origem a uma família de nobres artistas, aos quais a arte brasileira muito deve: Joaquim Dutra, o pintor do Rio Piracicaba, pai dos grandes mestres — Alípio Dutra, Antônio de Pádua Dutra, Archimedes Dutra e João Dutra.

Miguelzinho, em 15 de julho de 1855, requereu à Câmara que fosse reparada a rua (da Boa Morte) pela qual iria passar a procissão que, junto ao Santíssimo Sacramento, trasladaria a imagem de Nossa Senhora da Boa Morte da Matriz para a sua igreja.

Em 2 de fevereiro de 1856 encontramos o primeiro assentamento com referência ao cemitério da Boa Morte:

“Aos dois de janeiro de mil oitocentos e cinquenta e seis sepultou-se no cemitério da Boa Morte a Maria Justina de Almeida, viúva de idade de 62 anos, natural de Bragança. Faleceu de febre; tendo antes recebido os Sacramentos da Penitência e Unção; foi recomendada nesta Matriz. O vig. José Gomes Pereira de Sá.”

O cemitério era anexo à Igreja da Boa Morte, localizada onde é o Colégio D. Bosco Assunção. Ao que parece, privativo de comunidade religiosa. Esse e o da Matriz deixaram de existir com a instalação do cemitério municipal (situado no mesmo lugar onde ainda hoje se encontra o Cemitério da Saudade).

O Almanak de Piracicaba para 1900 registra:

“Em 5 de maio de 1872, realizava-se a benção do atual cemitério pelo Padre Joaquim Cipriano, sendo que o primeiro cadáver que ali foi enterrado era uma recém nascida, filha de um tal Estrela do Norte.”

Contudo, a abertura do livro de enterramento do novo cemitério só foi feita no dia 27 de novembro desse ano. A primeira sepultura perpétua foi adquirida em 2 de dezembro pelo Dr. Estevão Ribeiro de Souza Rezende, depois Barão de Rezende, para sepultura de sua família, sendo de dez palmos em quadra. O primeiro enterramento de fato foi nesse mesmo dia. Gertrudes, escrava de Antônio José da Conceição Júnior, viúva negra, 45 anos de idade, falecida de moléstia ignorada.

A “Gazeta de Piracicaba, de 10 de abril de 1884, noticiava com grande júbilo:

“Uma novidade para nossa terra durante a Semana Santa foram os bancos que serviram na Matriz e que livrou o belo sexo do considerável incômodo de sentar-se no assoalho. *Informaram-nos que a madeira para esses bancos foi oferecida por uma distinta senhora, que louvamos. Estes senão apresentam a menor notícia de elegância, verdade de que melhoram bem as condições das toilette, agora emancipadas do chão*”.

Até essa data, não havia bancos na Matriz. Era costume dos mais preocu-

pados com os trajas e conforto levarem cadeiras ao templo durante os officios religiosos.¹

A CAPELA DO PASSO DO SENHOR DO HORTO

O Dr. Felipe Xavier da Rocha, um dos primeiros advogados da cidade e sua esposa, dona Benedita Antonia de Lima Rocha, profundamente religiosa, foram figuras de grande destaque na velha Vila Nova Constituição (Piracicaba), no tempo do Império. Ele, de elevada cultura e respeitabilidade, figura leal ao Imperador, acumulou o cargo de Juiz Municipal e Delegado de Polícia, empossado em 1842, ano em que foi chamado ao exercício do cargo de Juiz de Direito Substituto de Campinas, com a tarefa de presidir a devassa contra os implicados na Revolução Liberal, sob a liderança do Brigadeiro Tobias de Aguiar.

O Dr. Felipe Xavier da Rocha militou na política, tendo exercido a vereança pelo Partido Conservador. O casal que residia na Rua dos Pescadores (hoje Rua Prudente de Moraes), por vontade da virtuosa Dona Benedita, encomendou o projeto e a ereção da Capela do Passo do Horto, vizinha à sua residência, ao insigne Miguelzinho.

Em Piracicabaa, houve outras Capelas do Passo do Senhor, tais como das famílias Honório Libório, Francisco Ferraz de Carvalho, Ricardo Pinto de Almeida, Joaquim Floriano Leite, Luiz Antônio Freire, José Viegas Moniz, Rita Eufrosina de Oliveira e Jaime Pinto de Almeida, cada uma representando um Passo da Paixão, que foram desaparecendo paulatinamente através da marcha dos anos.

A Capela do Passo do Horto foi inaugurada no Domingo de ramos de 1873, com uma grande manifestação de fé da comunidade e a participação de todas as autoridades, visitando todos os Passos existentes, com o celebrante, vigário Francisco Galvão. Participaram o Poder Executivo, na pessoa de Jeremias Ferraz de Andrade, também presidente da Câmara e os demais vereadores, inclusive Estevão Ribeiro de Souza Rezende, Barão de Rezende.

Em 1º de junho de 1875, Benedita Antonia de Lima Rocha fez um testamento para ser lido depois de sua morte, que ocorreu em 8 de janeiro de 1881, após a unção dos enfermos pelo Padre Galvão, no qual dispunha: "(...) deixo a quantia de um cento de réis para dar-se a prêmio em mão segura e com ele sustentar-se o meu Passo nas festividades da Semana Santa e dizer-se no dia 6 de agosto de cada ano a missa costumada ao Senhor Bom Jesus da Prisão, antiga devoção com o senhor Miguel Arcanjo (o Miguelzinho Dutra), ficando o dito Passo, por morte de

1 Hoje há, em Piracicaba, três cemitério: o da Saudade, aonde se encontram grandes personalidades da história; o da Ressurreição, um verdadeiro jardim; e o da Vila Rezende, mais recente. (Nota o autor)

meu marido, como patrimônio da Irmandade do Santíssimo Sacramento e a metade da dita quantia com a aplicação mencionada, revertida aos pobres”.

Assim é que, por força de testamento, a Capela do Passo do Horto de Piracicaba passou a constituir-se patrimônio da Irmandade do Santíssimo Sacramento. Archimedes Dutra, “Mago das Artes Plásticas Piracicabanas”, bisneto de Miguelzinho, conseguiu recuperar parte do acervo do Mestre. Em 1978, elaborou uma pequena mas importante publicação por meio do Instituto Histórico e Geografia de Piracicaba e da Ação Cultural, na qual faz uma descrição da Capela do Passo do Senhor do Horto.

“Singela é a sua fachada, erguida no próprio alinhamento da Rua Prudente de Moraes, na qual se distinguem tão somente duas pilastras laterais que servem de apoio ao frontão triangular e uma porta central ogival, aberta no eixo do plano mural que separa as duas pilastras. Um reduzido número de planos combinados na melhor das proporções compõe a fachada deste passo”.

“O Passo do Senhor do Horto de Piracicaba é de puro estilo barroco, da sua melhor fase, mostrando, na aparente simplicidade de estrutura do seu interior, a combinação justa dos planos de montagem, lançados no entrosamento dos relevos especiais, de seguro e belo efeito plástico”

“Elemento de destaque da obra é a leveza que se apresenta à unidade plástica do seu bem proporcionado altar, em frente esplende a impressionante imagem do Senhor do Horto, empunhando o cálice da amargura, numa montagem de classe para uma escultura de “roca” como esta, na qual a perícia técnica do grande artista se faz presente na plenitude da sua força quanto à goiva, desbastando o cedro, vai modelando aquela invulgar fisionomia sofredora de um Cristo, já conformado com a dor que o desgasta e atormenta”.

Outra figura participava do Passo: o Anjo Terreno, belíssima escultura de madeira, em postura de contemplação, oferecendo ao Cristo o cálice da amargura. A imagem de Jesus desapareceu na década de 1920, só sendo reencontrada nos anos setenta, no depósito da igreja do São Benedito. Para substituí-la até o seu retorno ao seu justo lugar, Joaquim Dutra pintou a figura de Cristo carregando a cruz, que foi ajustada na abertura do nicho.

Também sumiu o Anjo Terreno. Essa magnífica peça igualmente obra de Miguelzinho, altamente significativa para compor o conjunto, até hoje não foi encontrada. No decorrer da história, o crescimento das cidades, em nome do progresso, fez desaparecer relíquias do patrimônio histórico.

O tempo é relógio da vida. Do Domingo de Ramos de 1873, para os nossos dias, Piracicaba transformou-se: as residências provincianas deram lugar aos grandes edifícios, o piano foi substituído pelo computador. As Capelas dos Passos do Senhor extinguíram-se, só restando a do Passo do Senhor do Horto, a mais

preciosa herança do passado.

Um anjo veio confortá-lo, Jesus aceitou o cálice da amargura. Entrementes aproximou-se um grupo de soldados munidos de espadas, archotes e cordas. Judas vinha com eles. E disse: “aquele que eu beijar é Jesus”. Assim tem início o Drama da Paixão.

A memória do tempo está marcada pela religiosidade e pela magnificência das cerimônias do calendário litúrgico da Igreja Católica. Entre as solenidades mais evocativas, estavam a da Semana Santa. Na Sexta-Feira Santa, lembram-se os mistérios da Paixão, quando segue-se, passo por passo, a Via-Sacra, que é o ponto culminante nos Evangelhos, a saber, a narração hagiográfica das provações de Jesus, lidas nas Escrituras Sagradas, no dia do aniversário da sua morte.

“Passos da Paixão” eram pequenas capelas com imagens riquíssimas em arte, de papel fundamental na Semana Santa. Os Passos da Paixão eram acompanhados por toda a população, numa demonstração profunda de fé, capela em capela. Dantes, no Domingo de Ramos e na Sexta-Feira Santa, de Passo em Passo, as procissões à passagem da imagem de Nosso Senhor dos Passos, carregando o lenho da cruz, fazia-se ouvir o canto da Verônica, que mostrava à multidão de católicos a “Face de Cristo” no pano que lhe enxugara o rosto. Nesse momento, os fiéis, com voz emocionada, cantavam: “Ó vos omnes qui transitis per viam attendite e videte, si est dolor sicut dolor meus”.

São 14 Passos desta caminhada em Jerusalém, a maioria dos quais fora das muralhas, e os três últimos já dentro da cidade, completam a “Via Crucis”. Esses pequenos santuários dispersos pelo Brasil foram desaparecendo do apontamento das lembranças. Quem hoje vai à cidade de Congonhas do Campo, em Minas Gerais, além de ver no adro do Santuário do Bom Jesus de Matozinhos as estátuas dos Profetas, encontra também os Passos da Paixão com soberbas imagens, tudo obra do genial “Aleijadinho” – Antônio Francisco Lisboa (1730-1814), considerado internacionalmente o maior escultor brasileiro de todos os tempos.

Dos sem números Passos da Paixão, que havia espalhados pelas cidades e vilas da antiga Província de São Paulo, todos foram lentamente tragados pela faina do “progresso” em destruir as memórias do passado, restando apenas um único neste Estado Bandeirante, o Passo do Senhor do Horto, em Piracicaba.

Localizado na rua Prudente de Moraes, próximo à Praça José Bonifácio, distando da capital 152 km pela Rodovia Anhanguera; 160 km pela Rodovia Bandeirantes e 175 km pela Rodovia Castelo Branco, a nordeste de São Paulo, a única relíquia religiosa paulista no gênero. Obra de Miguel Arcanjo Benício de Assumpção Dutra, o “Miguelzinho”, “Pai da Arte Piracicabana”.

Tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico do Estado de São Paulo em 1973, restaurado em 1978 pelo Instituto Histórico e

Geográfico de Piracicaba (IHGP) e pela, então, Coordenadoria da Ação Cultural do Município de Piracicaba em 1981; restaurado novamente pelo mesmo órgão às expensas do Banco Safra em 1991, o Passo do Senhor do Horto está desafiando o tempo com os seus quase 136 anos de história.

* * *

Quinta-feira, perto da meia-noite, depois da Última Ceia, com os discípulos, retirou-se ao Monte das Oliveiras, onde havia um horto denominado Getsêmani. Lá, afastou-se dos apóstolos para rezar, levando consigo Pedro, Tiago e João. Quando estiveram a sós, disse-lhes: “A minha alma está numa tristeza mortal” (Mc. 14:34). Entrou um pouco mais no horto e prostrou-se de joelhos. “E seu suor tornou-se gotas de sangue a escorrer pela terra” (Lc. 22:44). Em sua oração, Jesus chama pelo Pai: “*Abba Pai, todas as coisas são possíveis, afasta de mim este cálice; porém, não (faça) o que eu quero, mas o que Tu queres*” (Mc. 14:36).

Depois ... cumprem-se as escrituras: o beijo de um traidor. Chegou Judas Escariotes, acompanhado de um ajuntamento: soldados com espadas e enviados do sumo sacerdote de bordão em punho. Judas aproximou-se: “*Salve Mestre! E beijou-o*”. Tem início a Paixão.

8

AS CRUZES

A cruz de beira de estrada, ainda encontrada por todos os caminhos do Brasil, é sempre a marca da morte, mas cada uma delas tem a sua história. É o sinal para a reverência, para o respeito e até para o medo:

Requiescat in pace!

O cavalheiro ou o caminhante descobre-se, faz o “Nome do Padre”, beija as pontas dos dedos e exclama:

Repousa em paz!

Um “caipiracicabano”, do bairro do Pau-Queimado (município de Piracicaba), assim explicou a origem da cruz de estrada:

“ — Quando argüem morre de morte matada ou mesmo de morte morrida, sua arma (alma) *fica rondando o lugar donde morreu. Dai os parentes e os amigos põe uma cruz pra afugentá o capeta, que vem em busca da arma (alma) do desgraçado*”.

Desta explicação, tão pura e inocente, podemos justificar o dito popular: “Foge de ... como o diabo foge da cruz!”

Toda cruz tem um nome, o da pessoa que ali morreu: Cruz do Dioguinho, Cruz do Faria, Cruz do Juca, etc.

Um belo dia, alguém afirma que estava voltando “tardão” do baile ou da venda quando ouviu um gemido no momento que passava pela cruz.

Logo vem o palpíte:

“ — É a alma que está pedindo vela ou reza!”

No dia seguinte as velas são acesas ao lado da cruz. A notícia corre... Outros aparecem dizendo que ouviram ou viram alguma coisa. Os “causos” são contados e, às segundas-feiras, dia das almas, muita gente de região vai ao local acender suas velas.

Quando uma imagem de santo se quebra, não é jogada fora; é pecado assim proceder, diz o povo. Levam-na ao pé da Cruz de Estrada. Os penitentes colocam pedras; isso representa um sacrifício. A promessa é feita à “Cruz da Alma” e nos seus braços vão aparecendo fitas amarradas. São ex-votos que muitas vezes trazem escritas a lápis ou a tinta o nome do pagador da “promessa”. Até que acontece a história do milagre.

A CRUZ DO GARCIA

Em Piracicaba, ainda hoje, quem desce a Rua 13 de Maio em direção ao Salto, quase na esquina com a Avenida Beira Rio, na murada do “Palacete Luiz

de Queiroz”, lê: “É proibido acender velas”. Porém o muro está negro pelo fumo e um punhado de pequenas chamas desafiam o letreiro; ao lado, muitas imagens quebradas, encostadas à parede. Na esperança de terminar com a manifestação popular, arrancaram a cruz, contudo o santuário do povo continua na calçada. Quem contou a história foi Antônio Paulim, o mais velho morador da redondeza, e que assistiu o levantamento do corpo do tal Garcia, degolado a navalha.

O fato aconteceu a mais de 50 anos, naquele tempo o palacete pertencia ao Miranda e margeando o rio havia um bosque.

Garcia viera a Piracicaba a negócios e estava hospedado no Hotel Lago (próximo ao velho Teatro Santo Estevam, demolido em 1952), onde conheceu dois indivíduos que o convidaram para um passeio até o bosque no rio, no qual iam ter com três raparigas. O viajante cedeu ao convite. Lá não encontrou as mulheres, mas, sim, a morte.

Os dois marginais foram presos na estação da Paulista quando pretendiam fugir para São Paulo. Interrogados, confessaram o crime, cujo móvel foi o roubo.

A CRUZ DO ALEIXO

Esta foi mais uma cruz de Piracicaba.

Quem sobe a Rua do Rosário, à esquerda entre a Rangel Pestana e a Dom Pedro II, no local onde se encontra hoje a residência do Dr. Arthur Affonso de Toledo Almeida, vai situar o local onde, até alguns anos, havia a Capela do Aleixo. Pelos idos de 1908, por ali passava a estrada boiadeira.

Sob uma árvore havia uma choça, morada do negro Aleixo. O infeliz vivia isolado de todos, por ser portador do “mal de Hasen”, contudo, era um homem bom, não fazia mal a ninguém.

Uma espécie de jirau feito com quatro forquilhas e palhagem sobre duas tábuas, servia-lhe de cama.

Um dia o pobre Aleixo foi encontrado morto.

Os que penetraram no palhar, viram-no flutuando meio metro acima do leito ...

Antônio Firmino, um pescador colocou uma cruz. Depois, formou uma associação, a qual construiu a Capela do Aleixo, que por várias vezes mudou de lugar, mas sempre no mesmo sítio. O terreno foi incorporado a patrimônio da Diocese. Os anos foram passando ... até que o Dr. Arthur Affonso de Toledo Almeida comprou-o para ampliação de sua residência.

Nosso informante foi o Sr. José Ferreira Melges, respeitável senhor que, aos 82 anos, tem uma memória fora do comum.

Essas são apenas duas histórias de muitas “Cruzes das Almas, que existiram e existem na “Noiva da Colina”.

9

FANTASMAS PIRACICABANOS

A INHALA SECA

Foi num tempo longe do agora, no fim do século passado, no tempo da escravidão.

Em Piracicaba, lá pelas bandas do Morro do Enxofre, de vez em quando, onde havia um mato cerrado, aparecia a INHALA SECA. Não se sabe quem afirmou que um dia ela havia sido gente viva.

Morreu de tísica e foi enterrada no antigo cemitério de Piracicaba (local onde foi posteriormente construído o Grupo Escolar Moraes Barros).

Depois de sete anos, o coveiro reabriu a vala onde havia sido colocado o cadáver de INHALA; encontrou-o intacto — dizem que não faltava um único fio de cabelo. Sepultaram-no novamente. Passados mais cinco anos, abriram a cova pela segunda vez. Qual não foi o espanto dos presentes: lá estava ainda o corpo da morta intacto ...

Sem saber qual a atitude a ser tomada, como já estava escurecendo, os coveiros deixaram o corpo seco da INHALA de pé, encostado na cerca do cemitério. Porém, quando no dia seguinte voltaram para enterrá-la novamente, o corpo seco de INHALA havia sumido ...

— Fale baixo! ... Quer morrer apedrejado? INHALA SECA tem ouvido de tuberculosa, ouve de longe! Ela traz consigo o vento, para que os seus passos, quebrando galhos no mato, não sejam escutados.

Feia, muito feia e muito magra; com os dedos longos e secos, armados de enormes unhas, mostrando sob os farrapos e folhas, os ombros esqueléticos. Segundo os que tiveram a desventura de “topar” com ela, há a informação de que se vestia de mato.

Era horrível mesmo. Tinha a cabeça grande coberta pela cabeleira desgadilhada. Rosto chupado e olhos esbugalhados, vermelhos e acesos.

No “Almanak de Piracicaba para o ano de 1900”, Escolástica Couto Aranha — brilhante figura do magistério paulista, esposa do professor Antônio Alves Aranha, o fundador da Escola Normal de Piracicaba — registrou pela primeira vez o mito da INHALA SECA.

Quando se pretende enfiar o bedelho no passado, o melhor mesmo é ouvir os

“antigos”. E os “antigos” dizem que ouviram contar que ela pegava gente e levava para o fundo da barroca ...

O mito da INHALA SECA é, sem dúvida, uma variante do “Corpo Seco”, homem que passou pela existência terrena semeando malefícios. Ao morrer, nem Deus, nem o diabo, aceitaram a sua alma. A própria terra repeliu o seu cadáver, enojada de sua carne. Com a pele engelhada sobre o esqueleto, levantou-se da sepultura, para cumprir o seu fardo ...

COQUEIRAL ASSOMBRADO

Entre as narrativas que a estória piracicabana guardou para o seu lendário, está a do COQUEIRAL ASSOMBRADO.

Lá pelas vizinhanças das fazendas Santo Antônio do Ibicatú e Mandacarú, nas cercanias do Pau d’Alho, existia um grande coqueiral, cujo sítio servia como cemitério de escravos.

Em toda aquela terra “imperava”, no século passado, uma opulenta fulana, fazendeira cuja crueldade era o pavor e a desgraça da senzala.

A menor falta era punida no tronco. O chicote transformava as costas do infeliz em chaga viva. Depois, mandava jogar salmora forte sobre suas carnes e deixava-o exposto ao sol ...

Conta-se que, em certa ocasião, entre um lote de escravos comprado, havia uma negrinha cujo dengo e juventude sobressaltou a cobiça do senhor. Desconfiada, furiosa, cheia de ciúmes, resolveu por fim ao problema, mandando jogar a negrinha viva, num grande tacho de melado fervente.

Fruto da sua desmedida saga de perversidade, volta e meia um negro era enterrado no coqueiral, “sem choro, nem vela, nem fita amarela”.

Acontece que “ninguém fica pra semente” e chegou também a vez dessa matrona fazendeira.

Gente importante de Piracicaba foi ao velório na fazenda.

Pelo caixão de cedro entalhado, todos os escravos foram obrigados a desfilar, beijando os pés da defunta.

O enterro saiu bem cedo, pois queriam os familiares missa de corpo presente na Matriz, antes que o corpo fosse enterrado no cemitério da Boa Morte.

O caixão foi colado num carro de boi, muito enfeitado com flores, e o cortejo seguiu em direção à cidade. Porém, quando passaram pelo coqueiral onde estavam enterrados seus escravos, os bois empacaram. Não houve meios para fazê-los andar, nem gritos, nem ferrão. Resolveram trocar a parelha, o que não adiantou, nem esta queria puxar o carro.

Depois de horas de tentativas infrutíferas, resolveram levar o féretro na mão.

Mas qual! O caixão pesava mil arrobas. Assim, como não houve outro jeito, enterraram a fazendeira ali mesmo.

Afirmam os “antigos” que os espíritos dos escravos impediram que a velha fosse sepultada segundo cânones cristãos. Castigaram-na pela sua maldade e orgulho.

Contam, ainda, os velhos moradores de Piracicaba que por muitos anos aquele lugar foi assombrado. O povo que por lá passava, mesmo em plena luz do dia, via enorme bichões comendo coquinhos.

Esta história foi-me contada por Dona Malvina, minha sogra. Também Waldemar Iglesias Fernandes a registra no seu livro “Lendas e Crendices de Piracicaba”.

10

MANDI, O MODINHEIRO

Em novembro de 1929, a “Victor Talking Machine Company of Brazil lançou o “Suplemento nº. 2 de Discos Victor Brasileiros, com a seguinte apresentação:

“AO PÚBLICO”

“Animados pelo crescente interesse que vêm despertando, em todo o País, os vinte primeiros discos VICTOR brasileiros, apresentamos, com o nosso segundo suplemento, mais 21 discos que a nossa vasta e distinta clientela há de julgar.

“Procuramos, como prometêramos, estar, sempre, à altura da honrosa preferência que de há longos anos vêm tendo os produtos VICTOR do Brasil.

Assim é que, com este suplemento, oferecemos bellos e raros exemplos de músicas regionais brasileiras, como as cantadas pelo Orpheão Piracicabano e pela Turma Caipira Victor, para só citar essas duas corporações.

Certos de que esses discos hão de agradar a todos, continuaremos, com ardor, a nossa campanha para difundir, cada vez mais, em todos os recantos da Terra, o gosto pela bella, variada e interessante música brasileira”.

PAULISTA E GAÚCHO – Primeiro disco folclórico brasileiro.

PAULISTA E GAÚCHO – É um retrato da vida política brasileira de 1929, quando da luta entre os candidatos Júlio Prestes e Getúlio Vargas à Presidência da República.

PAULISTA E GAÚCHO – Desafio entre Mandi (Manoel Rodrigues Lourenço), fã de Júlio Prestes e Sorocabinha (Olegário de Godoy), fã de Getúlio; da Turma Caipira Victor.

Pela autoria da música Manoel Rodrigues Lourenço recebeu UM CONTO DE RÉIS que dividiu com Olegário.

Pelos direitos autorais a dupla recebeu QUATROCENTOS RÉIS, por disco vendido.

Nesse ano, a “Victor” (R. C. A.) havia deslocado para Piracicaba sua aparelhagem e pessoal de som com o objetivo de, na Escola Normal, hoje E. E. P. G. “Sud Mennucci”, gravar os cinco primeiros discos de viola lançados no Brasil. Estes, sim, foram feitos não só com pioneirismo, mas com a mais autêntica música

folclórica brasileira.

A Cia. Victor havia realizado a sua promessa pioneira de gravar músicas típicas regionais, coisa inédita no mundo fonográfico brasileiro que começava desenvolver vertiginosamente com os seus pesados “78”.

Reunidos na Escola Normal, muito nervosos estavam os adoráveis caipiras: Mandi, Sorocabinha, Antônio Sebastião Roque e mais três meninas, filhas de Sorocabinha, entre elas a, mais tarde, popular Avelina. Era a primeira turma caipira do Brasil; logo após surgiu Cornélio Pires e a sua turma. Ali também encontram-se o coral de “Orpheão Piracicabano”, composto de 49 elementos, sendo 25 moças e 24 rapazes, sob a regência do extraordinário e saudoso maestro Fabiano Lozano. Gravaram também cinco discos com músicas como: BANDINHA NA ROÇA, CASCATA DE RISOS, AO SOM DA VIOLA, SAUDADE e AO CAIR DA TARDE.

MANOEL RODRIGUES LOURENÇO – O moço que gostava de cantar, foi um grande modinheiro e um incomparável violeiro.

Apelido: Maneco Mandi.

Nascimento: 25/01/1901, em Anhembi – S. P.

Pais: Manoel Rodrigues Lourenço e Ana Franco Camargo.

Passou a residir em Piracicaba no ano de 1914, começando a cantar em 1917, com o Quarteto Caboclo.

Formou-se na Escola Normal em 1920.

Além de folclorista, foi artista plástico de grande sensibilidade.

Quem teve oportunidade de visitar sua intimidade, encontrou-o de pincel na mão ou ás voltas com sua discoteca.

Num grande número de álbuns de capa vermelha havia pesados discos de 78 rotações, que se constituíam verdadeira história fonográfica da “Música Cabocla Brasileira” ...

Mandi sabia contar coisas curiosas sobre a música do sertão.

— Está vendo esta viola? Quem a fez foi o Juca Viioleiro, um mestre no assunto. Comprei-a de encomenda em 1916 e custou-me quinze mil réis. Quem tem um mochinho feito a mão pelo Juca tem uma verdadeira relíquia.

— Você sabia que a cuíca é piracicabana?

— Essa não!

Seu verdadeiro nome é PUITA; cuíca é nome que apareceu depois. As primeiras puitas que apareceram em São Paulo foram enviadas a pedido do escritor Paulo Magalhães, também filho da Noiva da Colina. Depois, então, que elas se espalharam pelo Brasil ...

Ele começou a contar as histórias dos bons tempos que ainda estão para ser escritas. São histórias de Piracicaba, da música caipira, da gente paulista que criou uma cultura bandeirante, das serenatas, das violas plangentes ...

*“Que moça bunita,
De zóio encantado,
Beicinho vermeio,
De rosa encarnado,
Dentinho miudinho,
De quina lascada;
Cintura fina,
Que andar delicado”.*

(Que Moça Bonita – Moda de Viola; Mandi e Sorocabinha)

O jovem estudante da Escola desde muito cedo fora tocado pelas musas e, aos 16 anos, revelara-se um exímio artista no difícil instrumento que é a viola, como, também, somava um grande número de composições próprias. Nas rodas da boêmia provinciana, em 1917, encontrou os companheiros com os quais formou o “QUARTETO CABLOCO”, LULU (Luís Antônio de Oliveira), PEZZA (Astrogildo Lima Pezza), BROCHADO (Antônio Ferraz de Arruda) e ele, MANDI (Manoel Rodrigues Lourenço). Todos eram alunos do modelar estabelecimento de ensino e tomavam parte em todos os festivais da “juventude pra frente” do tempo que não vem mais.

No ano de 1920, chegou o dia da formatura e a turma separou-se, porém, Mandi não deixou de lado a sua viola ...

No mesmo ano de 1929, das gravações pioneiras a Turma Caipira Victor se dissolveu e passou a integrar, numa combinação muito feliz, a segunda “Turma Caipira de Cornélio Pires”, para divulgar por esse Brasil afora, através de festivais, rádio e disco, o folclore de Piracicaba e de São Paulo: Moda de Viola, Desafio, Cururu, Cana Verde, Cateretê, Samba Rural Paulista e Samba Lenço ...

Foi nesse tempo que foi rodado o primeiro filme brasileiro falado. Seu título era: VAMOS PASSEAR. Descrevia as belezas da paisagem bucólica, procurava mostrar com toda pobreza de técnica, o esplendor da natureza brasileira.

Para esse filme antológico, foi convidada a participar toda a “Turma” Cornélio Pires, Mandi, Sorocabinha, Mariano, Caçulinha e Arlindo Santana, de Rio Claro, que não aparecia na tela. Foi ele quem magistralmente piou os pássaros que se ouve durante a projeção. Mandi cantou duas músicas na fita: “Caipira Murtado” e “Caboclo Feliz”.

Indiscutivelmente, o nosso querido Prof. Manoel Rodrigues Lourenço é um patrimônio do folclore paulista — 60 discos gravados, um filme, uma viola que

ainda chora escondida, um mundo de histórias para contar e um pincel que retratou um pedaço do Brasil. Manoel Rodrigues Lourenço faleceu em 1987, aos 86 anos.

11

**“OS CURIÓS DA MODA DE VIOLA”:
CRAVEIRO E CRAVINHO**

Poucas pessoas conhecem os irmãos Sebastião e João Franco, mas o Brasil inteiro os conhece como Craveiro e Cravinho.

Estes modinheiros nasceram em Pederneiras, Estado de São Paulo, onde fizeram o curso primário. Formado pela Universidade da vida, eles são os cantores e compositores da verdadeira música brasileira — a Música Caipira.

Totalmente dedicados às nossas raízes, têm procurado aperfeiçoar o modo de expressão da dupla; o fruto desse trabalho pode ser pesado pelos grandes sucessos como: Ladrão da Estrada, O Cavalo e a Lambreta (modas de viola) e o Mensageiro Cateretê.

Craveiro e Cravinho estão presos às cordas da viola e à poesia cabocla pelo cordão umbilical, pois são filhos da dupla Josué e Júlia, violeiros e catireiros. Nasceram e cresceram com a viola na mão, “tocando de ouvido”.

Quando ainda garotos, Sebastião com 17 anos e João com 10 anos, formaram a dupla e foram apresentados pelo microfone da “Rádio Cultura de Pederneiras”, isso em 1942: Craveiro tocando violão e fazendo a primeira voz, Cravinho, ponteando a viola como “segunda” do irmão.

Em 1957, passaram a residir em Piracicaba. Foi grande mestre de Cururu, Barbosinha, quem nos apresentou a dupla e 1959. Naquele tempo nascia nesta cidade a ZYR-209, “Rádio A Voz Agrícola do Brasil”, emissora que pertencia à extinta “Rede Piratininga”, da qual fazíamos parte. Assim é que, a nosso convite, participaram de um programa domingueiro, feito nos estúdios. Depois passaram a atuar na “Rádio Difusora de Piracicaba” (PRD - 6).

A grande oportunidade da dupla de apresentar-se em público de “corpo presente”, como diz Cravinho, surgiu em 1961, quando foram contratados pelo Circo do Veneno, que estava montado na Vila Monteiro, um bairro da periferia de Piracicaba.

Quem tiver a oportunidade de conhecê-los na intimidade verá que, além de uma extraordinária dupla, são eles um grande “dedo de prosa”.

— No começo não foi fácil! Aconteceu de tudo com a gente”.

— Uma vez fizemos um contrato para uma noitada no Circo do Azeitona, ou melhor, Circo Marisol ...”

— “Isso aconteceu na cidade de Américo Brasiliense”, aparteu Cravinho.

— “Quando lá chegamos, a bilheteira perguntou: — Vocês trouxeram o ‘borderô’? (ingressos). Eu não sabia o que era ‘borderô’ e joguei a bomba do lado do Cravinho — deve estar com o meu parceiro ...”

Nesta altura da narração, Cravinho tomou a palavra de Craveiro:

— “Quando a moça veio do meu lado e perguntou sobre o ‘borderô’, eu que também não sabia o que era, respondi: — Não dona, ele não veio porque está muito gripado ...”

É assim, quando começar a falar, a conversa vai longe ...

Em 1962, a dupla já era conhecida e aplaudida em muitas cidades do Estado de São Paulo, pelas suas apresentações. Nesse ano, surgiu a chance para o primeiro disco, um 78 rotações gravado pela “Chantecler”, tendo no lado A um cateretê, “Ponta de Faca”, e no lado B, “Mata Deserta”, uma moda de viola.

Hoje a dupla tem doze discos gravados, sete em 78 rotações e cinco long-plays, todos pela etiqueta “Chantecler”, da qual são exclusivos. No LP “Nos Braços da Saudade”, entre tantas músicas novas encontra-se o já sucesso “Adeus Rio Piracicaba”.

A dupla teve um programa exclusivo na Rádio Bandeirantes de São Paulo e outro aqui mesmo na Rádio Alvorada, às sextas-feiras, das 8 horas e 30 minutos às 9 horas.

O difícil é encontrá-los em Piracicaba (Rua Benedito Faustino de Toledo nº. 49). Quando não estão em São Paulo, estão viajando, apresentando-se em outras cidades. Assim, Craveiro e Cravinho já foram vistos e ouvidos em quase todos os municípios paulistas e por duas centenas de urbes, nos Estados do Paraná, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

O cinema nacional, que, vez por outra, vai em busca das nossas raízes, neste ano de 1981 trouxe às telas “Sinfonia Sertaneja”, um bom trabalho no gênero feito pelo cinema paulista. O filme é produzido por Álvaro Coutinho e dirigido por Black Cavalcante. Conta uma história campesina e vários expoentes da música cabocla se misturam a atores, formando o elenco: Marcelo Costa, Hugo Santana, Geraldo Meireles e Nalva Aguiar. Entre outras duplas caipiras como Nonó e Naná, e irmãos da Estrada, Craveiro e Cravinho não só cantam “Barra Pesada” como compõem o elenco de apoio.

Por ocasião da Feira da Cultura e Artesanato, realizada no Anhembi, onde estiveram representados todos os estados brasileiros, monstrando sua arte popular, cozinha e música, Craveiro e Cravinho lá estiveram para apresentar a moda de viola de São Paulo.

Indiscutivelmente, apesar de Sebastião Franco e João Franco não serem piracicabanos estão incorporados à demologia do Tietê médio. Em outras palavras, estão no nosso baú folclórico.

12

CURURU

“Para felicidade nossa o povo miúdo ainda canta CURURU e toma quentão.

Nem tudo está perdido, como se vê.”

SÉRGIO MILLIET

Quem chega a Piracicaba ouve o bater das horas, no badalar de um sino provinciano. A “Noiva da Colina” ainda se veste de espartilhos, apesar de estar enfeitada de fitas de concreto e brocados de arranha-céus.

ONDE VIVE O CURURU

Quem vai às “orlas” da cidade assiste ou escuta o afinar das violas de 10 cordas no cebolão, ou dos cavaquinhos na cebolinha para as carreiras da noite.

Se há ainda no Estado de São Paulo um acervo vivo do folclore, ele está na velha “Vila Nova da Constituição”, que ainda no cultuar dos “folkways”, encontra-se cercada pelo rócio.

Alceu Maynard de Araujo ou João Chiarini, quando falam das coisas do “povo”, da dança da “gente”, vão buscar os seus falares em Agostinho de Aguiar — o grande mestre; Antonio Villanova — o mais polêmico; em Parafuso — o caçoísta ...

É importante dizer-se que o “Parceiros do Rio Branco”, de Antônio Cândido, considerado o maior ensaio nestes últimos 20 anos, nasceu aqui em nossa terra, oriundo dos cururus.

O vale do Médio Tietê, circunscreve a zona do cururu, no Estado de São Paulo. Podemos dizê-lo paulista. Os principais centros em que se pode registrá-lo, como lugar comum da festança, são Piracicaba, Ibitiruna, Salgado, Pirambóia, Botucatu, Laras, Maristela, Laranjal Paulista, Conchas, Pereiras, Bofete, Porangaba, Cesário Lange, Tatuí, Boituva, Alambari, Itapetininga e Sorocaba.

O cururu, apesar de ser folclore essencialmente paulista, “Segundo a rota líquida do Anhembi e, hoje, fora da zona cururueira paulista, encontramos-lo em Mato Grosso, Goiás e Amazonas, onde estiveram os alicerçadores de nossa civilização, que, no tempo das entradas e bandeiras, partiam de São Paulo de Piratininga e, nos seus pousos e ranchos, dançavam o cururu; dessa forma, a

dança inicialmente aprendida com os jesuítas, onde foi disseminada por toda a paulistânia — região em que penetrou bandeirismo”, como diz Joaquim Ribeiro (Do Documentário Folclórico, de Alceu Maynard Araújo, SP, 1952)

O CURURU JÁ FOI DANÇADO

O cururu no passado era dançado e cantado. Hoje, só é cantado.

Ao nosso ver, o cururu é um produto de uma “miscigenação cultural”. Dançando e cantando, com uma coreografia própria que, a despeito da dinâmica do folclore, conserva a dança, no movimento dos pés e no volteio de alguns contadores a marca das raízes ...

— “Essa dança é o nome paulista da dança de São Gonçalo ... seus movimentos recordam o suplício de São Gonçalo”, afirmou o cururueiro piracicabano José da Silva.

AGOSTINHO DE AGUIAR — o fez em verso:

*“ ... Agora vô dizê prá mecê:
Primêra viola que existiu no mundo,
Bem entendido aqui dentro do nosso lado
Ai, de dizê o nome até oco.
Era bem desfigurado.
Pois ela chamava Môcho.*

*Porque aqui no Estado de São Paulo
Ê cururu que mecê vê pur tudo lado,
Ai, isto é na pura sorte,
Cai lá pra banda do Norte
Ê São Gonçalo que é chamado”.*

LAZINHO MARQUES — “Há quarenta anos, vi cururu dançando dentro da igreja, no arraia da Cruz Alta ...”

O negro Antônio Cândido, com carapinha pintada de branco, o rei de todos os cantadores, recebeu o apelido de “Parafuso”, como foi conhecido, por causa dos seus volteios e rodopios durante suas apresentações.

CURURU URBANO E RURAL

O cururu irradiou-se da zona rural para os centros urbanos, hoje, grandemente difundido através das emissoras de rádio dos municípios cururueiros, cujo centro principal, “Capital do Cururu”, é Piracicaba. Nessa região, todas as oportunidades são para uma “roda” de cururu, nas festas juninas, do Divino, 13 de Maio, São Benedito, Bom Jesus ...

O cururu na Zona Rural é realizado em frente ao altar, à Bandeira do Divino, nos pousos do Divino, nas quermesses das capelas, após as rezas dos “Santos de Junho”. Ele guarda, ainda, o sabor de autenticidade das grandes festanças do início do século.

O cururu foi levado ao palco, como espetáculo, em 1910, na cidade de Tietê, por Cornélio Pires. Teve seus grandes dias de ribalta, a partir de 1939 até 1953, quando foi derrubado o “Teatro Santo Estevam”. As primeiras festanças cururueiras foram efetuadas na “Rádio Difusora de Piracicaba”, em 1939.

Quase todos os escritores, poetas, músicos, antropólogos, etnógrafos, indianistas, compositores, beletistas, individual ou coletivamente, têm vindo a Piracicaba, onde pesquisaram e estudam o seu potencial folclórico.

Os grandes mestres de cururu residem na cidade: Antônio Vieira, João David, Agostinho Aguiar, Villanova, Lazine Marques, Parafuso, Pedro Chiquito, João Pontes e tantos outros viveram na cidade; Barbosinha em Piraçununga; João Buta, Trânsito de Lazzari em Laranjal Paulista; Zico Moreira em Sorocaba, Zé David em São Paulo, etc.

Há cururu na zona rural e há cururu na zona urbana. Nós discordamos de Alceu Maynard de Araújo, quando, no Documentário Folclórico Paulista, propõe uma dicotomia para o cururu: em urbano e rural.

Ainda falando do cururu radiofônico, podemos nos reportar ao ano de 1936, quando Cornélio Pires e a “Turma” compareciam à “Rádio Educadora Paulista”, no Largo da Misericórdia, cujo diretor artístico era o Dr. Lahyr de Castro Coty, para apresentar os primeiros cururus da rádio paulista. Surgiram com a “Turma”, os primeiros discos “Caipiras”, editados pela “Casa Edison do Rio de Janeiro”. Manoel Rodrigues Lourenço (Maneco Mandi) guardava em sua discoteca (Rua Benjamim Constant, 1768, Piracicaba, SP), quatro gravações de cururu da época. Atualmente, a “Rádio Metropolitana” desconhece o autêntico folclore musical nacional; cabe aqui destaque respeitoso pelo que a “Rádio Interiorana” vem fazendo em favor do folclore musical.

OS CANTADORES

O cantor é repentista, é o improvisador. Não devemos confundir-lo com o violeiro ou com a “segunda”. No seu livro “Violas e Repentes”, F. Coutinho Filho, tratando dos repentistas do nordeste não faz essa distinção, que é fundamental quando falamos ou escrevemos em termos de cururu. É do seu livro essa afirmativa: “Faço uso da palavra violeiro, nas páginas deste trabalho, para expressar o cantador de improvisos poéticos, ao baião da viola, tocada por ele”.

É necessário, porém, esclarecer que há cantadores que são grandes violeiros e acompanham-se durante as festanças. Barbosinha é grande cantador e grande violeiro. Antônio Adão compunha, tocava e cantava, o único que realmente conhece música, entre os canturiões, forante Zé David.

Ao cantador de cururu podemos, também, chamá-lo genericamente de trovador, tropeiro, rimeiro, rimancista, repentista e especificamente de escritureiro, quando é um mestre em manter a polêmica, cantando não só durante a locução, mas durante toda a cantoria, fundamentando-se em textos bíblicos. Se Amâncio de Lara foi o maior no versi “trocado”, João David foi o maior escritureiro. Seu lugar foi ocupado por outro veterano — Agostinho Aguiar (já falecido).

O cantadores dividem-se em duas categorias: “canturiões” “canturinos”.

“Canturiões” são os exímios, os mais experimentados, cuja fama corre e todos os respeitam como verdadeiros heróis do cururu, formando, em torno de si, uma atmosfera de verdadeira idolatria. Esses são os grandes mestres como:

- Lazinho Albino — o mais experimentado (+);
- Amâncio de Lara — o mais polemista (+);
- João David — o maior escritureiro (+);
- Zico Moreira — o mais poeta de todos;
- Pedro Chiquito — de todos, o mais eclético (+);
- Sebastião Roque — “Campeão do Estado” (+);
- Villanova — grande na polêmica e no lirismo (+);
- Agostinho de Aguiar — o último dos grandes escritureiros;
- Parafuso — o grande caçoísta (+);
- Onofre Jordão — o mais agressivo;
- Lazinho Marques — um dos grandes na carreira (+);
- Dito João (Tietê) — mestre do verso traçado (+);
- Nhô Serra — o cururueiro do microfone (+);
- Moacir Siqueira — o mais eclético;
- E outros.

O ALTAR

O autêntico cururu é feito na presença do altar, com um ou mais “santos”, adornado com flores, fitas e velas — isso porque não é festança profana. As imagens costumeiras nos altares são de: São João Batista, Santo Antônio, São Jorge, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Rosário e de São Pedro.

Recolhemos estes versos de uma “louvação” de Roque Torres (Piracicaba, 1969):

*Minha hora vai chegá
Eu quero levá o artá,
Que artá bem preparado,
Que fôue tenho imaginação
Que linda preparação
Quem preparô o artá,
Bençoada seja a mão
Pra sê uma beleza,
O artá encima da mesa
A mesa encima do chão.*

*Lá tinha Nossa Senhora Parecida
Que é padroêra da nação,
Dotro lado Santo Antonho
Vô fazê expricação,
Mais de banda tinha São Roque
Companhando o mesmo toque,
Lá tinha quatro santo
Vô fazê declaração.
Também tinha São Jorge
Que não sai da minha tenção,
Segundo a mesma toada
São Jorge tinha espada,
Que era prá combatê o dragão.*

VAI SER FORMADA A RODA

As “Rodas de Cururu” são feitas nas salas, nos barracões, nos palcos. Comparando-se a riqueza dos vestuários do folclore nacional com o do cururu, podemos

dizer: não há neste uma indumentária própria.

Os cururueiros apresentam-se sempre com roupas domingueiras, nunca sem paletó em festas religiosas: dado esse fato, podemos identificar a posição sócio-econômica de cada participante. Mesmo no cururu da zona urbana a “cor rural” é identificada pela presença de botas sanfonas (nos mais abastados).

O sorteio é feito com o sentido de se estabelecer a ordem da apresentação dos cantores. Ele é realizado antes dos cururueiros entrarem no tablado ou no palco, e quem o faz é o “pedreste”.

O “pedreste” numera as papeletas de 1 a 4 ou de 1 a 6, dependendo do número de “trovadores” que vai participar do combate poético. Depois de dobradas são sempre colocadas num chapéu para o sorteio que irá estabelecer a ordem da contoria.

Num cururu de que participassem Agostinho Aguiar, João Pontes, Vilanova e Onofre Jordão, estes poderiam ser colocados pelo sorteio na seguinte ordem:

Agostinho Aguiar, nº. 1;

Onofre Jordão, nº. 2;

Vilanova, nº. 3;

João Pontes, nº. 4;

supondo-se ainda, que os adversários fossem Agostinho Aguiar e Onofre Jordão contra Vilanova e João Pontes, os melhores colocados seriam Vilanova e Onofre, porque eles não caíram à “boca-da-viola”, teriam mais tempo para pensar na resposta.

INÍCIO DA FESTA

Ao se dar início à festa, os que tomam parte se colocam em duas filas, frente ao altar. O alinhamento segue a seguinte ordem:

1 – o “pedreste” é o acompanhante, que coloca a “carreira”, ou “linha” ou “alinhção” (dá a rima para os versos) – é o primeiro da fila;

2 – o “segunda” do “pedreste” – 2ª. voz coloca-se ao lado oposto do “pedreste”;

3 – o “pedreste” pede licença para iniciar – “tira licença”, faz uma volta dançada acompanhado por todos saindo por fora da fila e entrando por dentro;

4 – faz a “louvação” aos santos e ao dono da casa, que também é denominado “juiz festero”;

5 – dá a ordem para “arruinar”, fazer a roda;

6 – a fila do violeiro sai pela esquerda e a do “segunda” pela direita;

7 – todos os participantes, ao passarem pelo altar, ajoelham-se e beijam-no;

8 – a “roda” anda no sentido anti-horário, batendo duas vezes o pé esquerdo

de um lado e duas vezes o direito do outro;

9 – na “roda”, o cantador fica sempre entre o seu “segunda” e o violeiro, quando o violeiro for também o “segunda”, ficará depois deste (memória do passado).

Nesta parte da festança, muitos cumprem promessas, com as mãos ou pedras sobre a cabeça, velas acesas, imagens ou quadros de santos (memória do passado).

LOUVAÇÃO

A louvação é feita por todos na primeira volta (quando o primeiro que cantou, canta pela segunda vez, é iniciada a segunda volta) e a carreira é sempre a de São João (rimas em ao) “Pra cantá direito é preciso lová o santo” dizem eles.

Durante a “licença” e “louvação”, os canturiões “cantam no livro” ou na “escritura”, isto quer dizer, utilizam trechos da Bíblia, História Sagrada ou “Vidas de Santos”, procurando demonstrar a sua superioridade no assunto em relação aos adversários.

Agostinho Aguiar, considerado, até pelos grandes canturiões, o maior de todos para “cantar no Livro”. Ele mesmo nos contou:

— “... Um dia fiz uma louvação que foi muito apraudida, foi dando resposta pra um indivíduo que falô pra mim, que se ele perdesse pra mim ele mudava de nome ...”

Interrompemos e indagamos se poderia relembrar os verso.

— “Não me alembro, mais posso fazê outro mais ou menos no mesmo assunto”:

*“Meu amigo lhe arrespondo
Cheio de grande significação,
Océ falô pra tudo esse povo,
Com uma grande presunção.
Falô coisa desconforme,
Diz que vai mudá seu nome,
Se perdê pr’esse cidadão;
Océ não devia falá isso
Se caso prestasse tenção.*

*Aquele se chamava Luzber
Mudô pra Lucífer,
Que fô a grande tentação,*

*Aí ... que aquele anjo sem juízo
No jardim do paraíso,
Foi atentá Eva cô Adão.
Quem pode dizê que não,
Agora, ocê qué muda seu nome,
Eu acho que não fica bão.*

*Do jeito que ocê aqui me dizia,
Foi uma grande soberb,
Ocê não é inteligente,
Porque Luzber virô serpente,
Vois tá em mesma condição”.*

AFINAÇÕES

O violeiro não conhece música, toca-a de ouvido. As diversas alturas ou afinações chamam-se “modos” e intitulam-se:

- 1 – cebolão – a mais usada no cururu atual;
- 2 – cebolinha ou tatuiana – fá sustenido maior;
- 3 – quatro-pontos (igual a do violão) ou quatro-dedos – sol bemol maior;
- 4 – goiano ou rio abaixo – mi bemol maior;
- 5 – goianinho – si maior;
- 6 – tempero mineiro – fá maior;
- 7 – oitavado;
- 8 – guachocano – sol maior;
- 10 – temperão – lá maior;
- 11 – “castiana” (castelhana).

Cada “modo” tem duas maneiras de tocar: por baixo e por cima, conforme a harmonia que predomina: das corda inferiores ou das superiores.

AS RIMAS

As rimas são chamadas de carreiras, linhas ou alinhção, e são emparelhadas ou alternadas.

Há carreiras fáceis e difíceis.

Carreiras fáceis: de “São João” (rima em ao), do “A”, o “Sagrado” (ado)...

Carreiras difíceis: Presumido (ido), do Sol (ol), Santa Teresa (esa) ..

Regra geral, o canturião não troca a carreira quando não lhe cabe fazê-lo.

Chiariani registra um cururu de Nhô Chico, no qual ele improvisa em mais de uma carreira:

*“Com o peito machucado
Encosto a viola de lado
Fico tristonho, calado
Com os olhos vagando ao Léo
Pensando na vida minha
Eu peço à Virgem Rainha
Que guarde minha mãezinha
Eternamente no céu.”*

OS VERSOS

Os versos são “trovados” ou “encontrados”. Os “trovados” não são dirigidos ao canturião adversário, os “encontrados” ou “batê de pau trocado” são respostas dadas por um cantador aos versos, que seu adversário lhe dirigiu na volta anterior.

Quanto ao caráter, os versos podem ser religiosos ou profanos. Religiosos são os versos fundamentados nas lições da Bíblia ou na vida dos santos. Profanos são aqueles construídos sem preocupação de ter molde os textos sacros; são de escárnio, satíricos, anedóticos, sociais e, muitas vezes, líricos.

Antônio Vilanova, além de grande polemista, foi lírico por excelência. Seus versos, muitas vezes, são marcados de profunda tristeza. Quando, numa tarde de chuva (setembro, 1969), visitamos esse trovador, ao “bater” da viola de Antônio Borba, ele improvisou:

*“O dia lindo a gente conhece ...
No dia que chove,
Que a manhã se escurece
As plantas fica alegre,
E o cristão se entristece.
Por uma manhã que num veio,
Por uma manhã que arvorece
Se põe a semente na terra
Essa sementinha cresce;*

*Porque toda fruta bonita
Cai no chão e se apodrece,
Toda roseira é bonita
Só depois que ela floresce”.*

Observando todos esses versos, verificamos que o cururueiro não tem a preocupação da métrica. O número de sílabas em cada verso não é constante. Ele o diz muitas vezes lentamente, quase soletrando, outras vezes de um só fôlego, para manter o ritmo da toada; depende do número de sílabas de cada linha.

TEMÁTICA

1 – *Tema religioso* – Nas disputas cururueiras, o tema central é o religioso. Para ser canturião, é necessário conhecer os “livros de religião”.

A louvação é quase uma oração, é uma profissão de fé das verdades bíblicas, que para eles são indiscutíveis. João Pontes, nestes versos, é taxativo:

*“Eu vô fazê uma louvação
Na Carrera do presumido,
Sobre a criação do mundo
Que Deus tinha construído.*

*Quando Deus feiz o mundo
Bem certinho e repartido.
Cada coisa em seu lugá,
Tudo certo e dividido.*

*Do lado do oriente,
Esse lugá foi escoido,
Deus crio o jardim terrestre,
Era um bosque bem florido.*

*Ali Deus ponho Adão e Eva
Que era muié e marido,
E ali eles cometero um erro,
Onde os dois fico perdido.*

*Eva comeu o fruto
Que Deus tinha proibido,
A metade ela comeu,
A metade não foi comido.*

*Essa metade guardo pra Adão,
Que era de fato seu marido,
Quando Deus chegou no jardim
Sua voz foi ouvido:*

'Adão onde você tá?'
*Ele respondeu escondido,
Pruque os dois tava nu,
E viro que tava despido.*

*Então Deus respondeu
Com ar muito aburrecido:
'Vai vê vocês comeu o fruto
Que eu tinha proibido.'*

*Adão foi quem respondeu
Muito desinchavido:
Foi a serpente que mandô,
Pur ela fumo inludido.*

*E nós vimos que tava nu
E fiquemo surpreendido,
E com foia de figuera
Nóis fizemo o vestido."*

Esses versos não são somente uma profissão de fé como também uma mensagem de temor e obediência a Deus.

2 – *A poesia do cururu é a própria aproximação à terra* – O rimanceiro nem sempre se plasma em bases místicas ou satíricas; é também profundamente social, encara as realidades do meio. O cururueiro não é um marginal, indiferente. Canta as roças, a chuva, a estiagem, terra da qual ele é parte. Sente-se útil à pátria. Sua

linhagem poética é cheia de arrobos de patriotismo. Esses versos de Vilanova mostram-nos bem essa vinculação do homem à terra:

*“Quando amanhece um dia
São diferente os pensá.
Trabaiando na roça
Põe os burro na carroça,
Lutando pra cá e pra lá.
Por de letra sê um recruta,
Curtivando a terra bruta
Sem sabê se ela vai dá.
No grande afã
Esperando pelo amanhã,
Que Deus não pode fartá
Eu digo que Deus é brasileiro
E de nós sempre se lembrá.
Conforme Gonsarve Dia escreveu
É tão fácil de observá,
Onde ele passa contá:
Minha terra tem parmera
Onde canta o sabiá.
Quem vê as nossa mata,
Coisa linda mais não há,
Num Brasio imenso
que nunca pode se acabá.
Do jeito qu’ele escreveu,
Do modo de interpretá
Onde canta o mérro e o sabiá,
onde canta todas ave,
onde só tem que cantá
a paixão do brasileiro,
que tudo tem se apaxoná,
Nesta terra que nascemo
E que devemos amá,
Só fio de estrangeiro
Mais digo que Deus é brasileiro,
Disso nós tem sempre que alembra”.*

3 – *O Lirismo* – não só dedicado a Deus e à “Terra”. Muitas vezes, a mulher é motivo para despertar a sensibilidade poética do trovoador. O amor é praticado em altas doses, contudo, por incrível que pareça, esses homens são de uma timidez muito grande e vêm na mulher um fruto proibido, nutrindo por ela um sentimento quase nunca anunciado em público.

Observamos quanto lirismo e respeito há nesses versos de Onofre Jordão, o mais ferino dos canturões:

*“Falo bonito pro povo entendê,
 Comparo home cô cravo,
 Quando não co a frô de ipê,
 Comparo as muiê co a rosa,
 Que tudo mundo gosta de vê”.*

4 – *A História do Brasil, História Geral, Geografia e a Astronomia* – são temas de cantorias. Por esse motivo, os cantadores procuram “estudar” e informarem-se sobre esses assuntos no sentido de evitarem serem pegos em falhas durante a peleja.

5 – *Também fatos do cotidiano* – são lembrados no cururu: trabalho, dificuldades financeiras, divertimentos, acontecimentos anedóticos, casamentos, batizados e até mesmo a morte serve de temática cururueira.

6 – *Durante os movimentos políticos* – os cantadores participam. Nas lutas eleiçoeiras tomam partido, cantando contra ou a favor deste ou daquele político: elogiam, enaltecem, criticam, caçoam ou castigam nos seus versos.

A propaganda justifica plenamente o “cururu eleiçoeiro”, realizado durante as campanhas (comícios e rádio) políticas na Zona Cururueira. Os doutores em propaganda política não dispensam o cururu nos palanques, quando da realização dos comícios, e, para tal, os cantadores são muito bem pagos, pela incumbência de ressaltar as qualidades dos candidatos, em versos trovados. Entre estes, registramos os de Lazinho Marques, dirigidos ao falecido Emílio Sebe (Anuar), vereador, em Piracicaba, em várias legislaturas:

*“Na eleição de 59,
 Não esqueço do passado,
 Teve muito vereador*

*Que foram bem apoiado
Mais nosso amigo Anuar
Que foi um dos mais votado.”*

Lazinho arremata:

*“Nós queremos pra deputado
Quando vier a nova eleição
Todos os piracicabano
Que pede de coração
E conte com Lazinho Marque
Esse poeta do sertão”.*

7 – Jamais são ouvidas palavras obscenas no cururu — mesmo nos combates mais violentos, o cururueiro toma muito cuidado com seu vocabulário.

8 – Muitas vezes, quando no calor do verso trocado, os cururueiros lançam mão de todos os recursos, para responder aos adversários. Até mesmo problemas e particularidades de ordem familiar entram em jogo, fazendo que cururueiros e compadres se tornem inimigos. Esses cururus, muitas vezes, terminam em luta corporal. Esses versos arquivados em nossa fitoteca dão-nos bem o exemplo:

*“Cumpadre ... é na Carrera do á,
Dessas hora pur diante
Que quero pr'ocê cantá
Pra cantá verso trovado
Quase posso procurá,
Daqui sô campião
E num passo injeitá
Cantá contra o cumpadre
Minha corage num dá.
Vô cantá trovado na letra
Pra vê se o cumpadre dá.
Nos deis mandamento
É que eu quero conversá,
Eu começo no primeiro,
e no úrtimo quero acabá.*

*É no nono mandamento
Que quero falá.
No nono mandamento
Que na taboa tá
Diz que cubiçá o que é dos ôtro
É pecado mortá”.*

Seu contrário respondeu:

*“Oh! meu amigo ...
Essa vai daqui pra lá,
Ocê canto um verso
Que num devia cantá,
Pruque num sei lê e escrevê,
Ocê qué me defamá.
O nosso mundo tá no fim,
A gente pode desconfiá.
Meu pai tem um ditado,
Sempre vi mamãe falá
Quando cumpadre começa num cumbiná,
Que nem o cumpadre ...
Ocê devia respeitá
Pois nói semo cumpadre,
Ocê devia imaginá,
Dois cumpadre cantá contra
Imagine de nós dois o que será,
Quando nós morre,
Nóis dois vai pagá,
Eu vô sê tição de fogo,
E ocê será um botatá.
Oh! cumpadre ..
Ocê devia era notá
Que nos deis mandamento,
Que eu vi ocê puxá,
O padre puxa na igreja
Pra ensiná criança rezá.
Se eu num subé os deis mandamento,*

*Meu cumpadre o que de mim será?
Ocê diz que o novo mandamento,
Que na Bíblia marcado tá,
Que cúbica o que é dos ôtro,
É pecado morta.
Paper aceita tudo,
Eu não posso aceitá,
Cubiça num é pecado,
Ocê pode acreditá,
Ocê quer me explicá,
Quem é que foi de sua muié
Antes de ocê casá?*

Enfim, podemos dizer que tudo o que rodeia o cururueiro serve-lhe de assunto. É na cantoria que ele faz sua higiene mental, se desabafa, se esteriotipa, se projeta.

13

QUEM FOI PARAFUSO?

ENTREVISTA REALIZADA EM FEVEREIRO DE 1958

Seu nome no registro civil é Antônio Cândido, filho de Felício Cândido e de dona Lázara Cândido; nasceu em 19 de fevereiro de 1920, no Distrito de Recreio, município de Piracicaba.

Casado em três núpcias, teve 22 filhos, 14 vivos e 8 mortos. Aposentado do “Engenho Central” morou em casa própria, no bairro deo “Paiêro”, em Piracicaba (SP); começou a cantar em 1938, tomou parte, aproximadamente, em mais de 1.000 cururus.

Foi o criador de “nem quem tussa não faiz má”, em São Paulo, no Parque da Água Branca, em 1954, teve como segunda o grande Hilário Galdinho, já morto. Considerava-se, ao lado de Pedro Chiquito e Zico Moreira, o melhor cantador vivo. Para ele os maiores cantadores foram Amâncio de Lara e João David. Supersticioso, dizia que Mário Valêncio, cantando contra Eugênio Bueno, perdeu a voz, porque o “pessoal de Laranjal” prendeu a sua voz no pilão, isso 20 anos atrás. Cantou por toda a zona do cururu, Jaú, Bauru, Olímpia e nos estados do Rio, Guanabara e Minas Gerais. Foi ganhador dos Torneios de Sorocaba, em 1962, Laranjal e “13 de Maio de Piracicaba. Gravou vários discos. Leu a “Bíblia”, “História Sagrada”, “Mártir do Gólgota”, a “Vida de todos os Santos”, “História do Brasil”, etc.

Em setembro de 1957, Parafuso foi entrevistado pela revista “Mirante” de Piracicaba. Todas as perguntas foram respondidas de pronto e ele o fez em versos trovados.

1º. – Onde nasceu?

R. – Fui nascido em Recreio.

Fui criado em Caiapá

Quando eu tinha nove anos,

o papai mudou pra cá.

E pra não sê bocó de mola

O papai me pois na escola

Pra aprende somá e cantá.

2º. – Qual seu verdadeiro nome?

R. – Por tudo lugá que eu ando
me chamo Antônio Cândido
meu verdadeiro nome natá.

3º. – Qual a origem do apelido de Parafuso?

R. – O apelido de Parafuso veio de quando comecei cantá.
Porque deixava a gente confuso
Virava roda que nem fuso
Sem tirá o pé do lugá.

4º. – Faz muito tempo que canta?

R. – Faz mais ou menos 18 anos
Que comecei a trová
E desde que comecei dos meus versos
Fiz gente pererecá
E sempre dei batida dura
Aprendi cantá na escritura
Que nós canta de frente ao artá.

5º. – Por onde tem cantado?

R. – Cantei na Capitar de São Paulo
Que vieram me buscá
Pra saudá o Quarto Centenário
E peguei o primeiro lugá
Cantei na Televisão Record,
A Inezita tava lá
E dela ganhei uma viola
E hoje faço o pau quebrá.
Cantei no Rio de Janeiro.
Na Capitar Federá,
Os versinho que eu cantei
Tuda a vida hão de alembrá.
Se as pedra tivesse boca
Eu fazia as pedra chorá.

6º. – Como inventou o “slogan”: “nem que tussa num faiz má”?

R. – Eu cantei com Zico Moreira
Na noite de Natá
Ele tava tussindo muito
Então não queria cantá.
Eu disse: cante assim mesmo, “nem que tussa num faiz má”.

7º. – A família como vai?

R. – Eu sô pai de quinze filhos
nesta terra nacioná
cinco morreu e foi com Deus,
porque a morte veio buscá.
A morte é a coisa mais valente:
Ela chega de repente
Leva a alma da gente
E mata sem esperá.
Eu tenho déis filhinho vivo.

14

CONGADA

João Chiarini afirma que a congada é a evocação da luta entre os cristãos e mouros, reinterpretada pelo elemento afro; por outro lado, Manuel Diégues Júnior tem suas dúvidas, quando trata do assunto, dando a gênese do enredo nas lutas dos partidários do Rei dos Congos e da Rainha Ginga; Alceu Maynard de Araújo reafirma que as reminiscências da congada estão na Chanson de Roland, é um produto de um folclore artificial em que se aproveitaram os autores medievais.

Os jesuítas, dado o caráter sexual das danças afros, como o batuque, que é a dança da procriação, procuram sublimar esse instinto através da congada, fundamentalmente, religiosa e medieval. Muitas vezes, o Rei dos Congos confundem-se com Carlos Magno. O termo é de confraria religiosa e o padroeiro é São Benedito.

Os senhores do engenho combatiam a congada e incentivavam o batuque, porque viam nele a maior possibilidade de procriação entre os escravos.

Em tese: a congada é um ato popular, é bailado, é canto, é teatro ...

Na oportunidade das festas religiosas veem-se as congadas nas praças e nas ruas. Esta confirmação folclórica está disseminada por quase todo o Brasil, mudando, algumas vezes, de nome e de coreografia mas principalmente é a mesma. No Espírito Santo, ela é conhecida como Baile de Santo, Catumbi ou Columbi e Congo de Morro no interior baiano; Congo, Congada em Minas Gerais; e Congada exclusivamente em São Paulo.

Dançada e cantada tem uma coreografia e uma musicaria própria, feita de reco-reco, pandeiros, violas, zabumbas e caixas. A coreografia segue um enredo: o da luta, representada pela embaixada.

Inicia-se com a louvação; depois, os grupos participantes: homens e mulheres fazem a primeira e a segunda reverência por dentro e seguida de uma reverência por fora, formando a roda "serra-acima", quando os integrantes cruzam espadas. É no "serra-abaixo" que os participantes deixam de se digladiarem; essa movimentação é repetida até o fecho.

Os versos são improvisados e dirigidos aos "Santos", pedindo a bênção. Vejamos um trecho da Congada dos Periquitos, registradas por Alceu Maynard de Araújo:

*“Eu quero pidi licença,
pro meu bataião dançá;
pro sinhô dono da festa
i pro povo desti lugá”.
“Virêmo di lá, virêmo di cá
meu sinhô Divino viêmo festejá”.*

O uniforme é específico quanto à cor para cada grupo e identifica todos os membros e a que tipo de festança pertence.

Piracicaba, graças ao seu Centro de Folclore, possui um grupo de Congada, para a apresentação dentro da mais pura autenticidade. A sua estrutura é assim: embaixada instrumental e dançadores-cantadores.

A congada piracicabana é uma transculturação da de Itaquiri da Serra (SP), participando mais de quarenta elementos de ambos os sexos, diferentes idades e graduações.

15

OUTRAS FESTANÇAS

CANA -VERDE

Dança-desafio — para muitos sua origem está no Verde Gaio, de Portugal. Acontece, geralmente, durante as Folias do Divino — sendo dança profana, o santo do altar é deitado e, muitas vezes, colocado de cabeça para baixo.

Não há indumentária própria e o instrumental é composto de duas ou uma viola em afinação “cebolinha”, mais o adufe e o reco-reco.

Duas rodas são formadas. A de dentro composta dos tocadores e cantadores, a de fora pelos dançadores.

Os versos são repentos, redondilhas maiores com refrão — trocados entre os participantes da roda.

As rodas dos dançadores no balanço marcam a cadência, com batidas de pé e com palmas.

DANÇA DOS TANGARÁS

Faz roda geral. No sentido solar, lunar, antirrelógio pela direita. Cada par em vis-a-vis, um frente ao outro.

Não há idades, sexos, graduação ou cor. Os instrumentos são membranofônicos e idiofônicos.

Dão-se as mãos. Cada dançador avança, ora pela direita, ora pela esquerda, costurando, zigue-zagueando.

Cantam-se quadras em coro. À primeira vista, parece-nos roda infantil. A diferença está que nesta não há compassos. Na dança dos tangarás os há.

O CATERETÊ E OS VIOLEIROS

No Estado de São Paulo, na região banhada pelos rios Piracicaba, Capivari, Sorocaba e outros do Tietê, existe uma grande riqueza folclórica. Em toda essa região há festas populares em que é comum uma dança chamada cateretê. O cateretê parece ter-se originado de uma dança indígena, aproveitada pelos jesuítas

ao tempo da catequese.

O cateretê é dirigido por dois violeiros: o mestre e o contramestre. O mestre é o autor da moda que vai ser cantada e o contramestre acompanha a moda, em segunda voz. Seis pares de dançantes todos homens, fazer do cateretê. Atrás do mestre segue o “tirador de palmas” e atrás do contramestre, o “tirador do sapateado”. O tirador de palmas marca o compasso para a batida de mãos e o tirador do sapateado, para a batida dos pés ou pateio.

Depois que todos estão formados, os violeiros começam o canto a duas vezes pedindo licença para a função. Terminado o canto da primeira estrofe começa a dança, espécie de quadrilho. Depois da primeira parte, os violeiros dão início à moda, isto é, versos simples cantados a duas vezes. Depois de cada quadrilha, os violeiros dão alguns acordes e o tirador de palmas inicia a batida de mãos, sendo acompanhado pelos outros dançantes. As violas fazem uma pequena pausa e rompem em outro ritmo para dar começo à batida dos pés, dirigida pelo tirador do sapateado. Depois param todos e os violeiros recomeçam a moda. E assim vão alterando o canto com o bater das palmas e o bater dos pés até finalizar com a suspenção, que é o acréscimo de mais dois ou três versos, a quadrinha do preceito.

O cateretê é uma dança de resistência, pois é repleta de exercícios longos e cansativos, mas não deixa de ser um costume divertido e interessante.

BATUQUE

O batuque é uma das poucas danças do folclore brasileiro que em quase nada recebeu o influxo aculturativo. Na sua origem é para os negros a dança da procriação. Trouxeram-na da África, os escravos; muito combatido pelos jesuítas, como dança de alta morbidez sexual, reservou-se apenas aos quilombos.

Também conhecido como tambu ou umbigada tem como instrumental o tambu (que dá nome à dança), quinjengue ou mulema, o guaiá ou paulista (chocalho). Ao fogo são os membranofônicos temperados, porque esses não possuem tarrachas, na mesma fogueira cozinham-se as batatas, e urinam as crianças. Formam-se os batuqueiros ao lado do mestre para tirar a moda: depois, vão até ao grupo feminino, para ensiná-lo. Quando o verso é público tem início a dança — dois passos laterais, um à frente e a pancada (umbigada); a cadência dos passos é dada pela matraca — elemento de marcação — assim, noite e madrugada a dentro ouve-se o tantam do batuque perdido entre os canaviais de Piracicaba, Tierê, Laranjal e Capivari.

A vestimenta é própria do folclore — as pretas velhas lembram em São Paulo as baianas da escadaria do Bonfim.

Pouco e pouco vai dentro da dinâmica das tradições populares, morrendo o batuque.

SAMBA RURAL PAULISTA

Conhecido por samba caipira. O Centro de Folclore de Piracicaba faz duas variantes: samba de lenço e samba de roda. Entre nele todo instrumental da congada, excetuando-se as violas. Coloca-se o verso rimado, as damas e os cavalheiros respondem. A coreografia é opulenta. Quando se faz o vaivém com o lenço, será o primeiro dos sambas. Quando se faz o serra acima será o segundo deles. A cada vaivém e a certa roda acima, mudam-se os versos, sempre improvisados. Os pares não são os mesmos.

Tanto na congada como no samba, os participantes apresentam-se com as respectivas indumentárias.

16

FESTA DE SÃO JOÃO, DE TUPI

Dia 23 de junho, acontece em Piracicaba a tradicional FESTA DE SÃO JOÃO, no Distrito de Tupi.

O nome João Batista, na sua origem hebraica, quer dizer: *o que batiza cheio de graça*. Seu dia é santificado de guarda, com grandes festas na liturgia católica.

A Festa de São João, a 24 de junho, é rica em folclore e sincretismo dos mais variados cultos da antiguidade. É resultado do encontro de elementos dionísicos, de homenagens às divindades agrícolas e de cultos solares germânicos e celtas.

Os festejos juninos coincidem com o solstício do verão, no hemisfério norte, proximidades das colheitas, época em que se realizavam os rituais ao deus Sol, implorando-lhe para que não se afastasse muito da Terra, provocando um inverno muito rigoroso.

Durante os cultos ao Sol, acendiam grandes fogueiras e faziam sacrifícios para afastar o demônio da esterilidade.

A Igreja celebra João Batista com duas festas: uma em 24 de junho, data tradicional de seu nascimento, contrariamente ao que faz com os outros santos, dos quais não se comemora o nascimento, mas, sim, a morte, pois todos nasceram com o pecado original. São João Batista, tendo sido santificado pela visita de Nossa Senhora a Isabel, nasceu já livre do pecado; a outra festa, em 29 de agosto, recorda seu martírio: decapitado por ordem de Herodes, tendo sua cabeça entregue em uma bandeja a Salomé.

Sobre as origens das festas e cantos da noite de São João, escreve Pereira Costa (1851-1923) em “Folclore Pernambucano” — “que existiam nos costumes góticos e se reforçaram em presença dos árabes”.

E indiscutivelmente, São João é, fora de dúvida, das festas brasileiras, a mais antiga.

Em 1603, Frei Vicente Salvador informava que “os índios acudiam aos festejos portugueses com muita vontade, porque são amigos de novidades, como no dia de São João por causa das fogueiras e das capelas”.

O MASTRO, OS FOGOS E OS BALÕES

O mastro é um tronco alto e fino. A madeira é descascada, tendo no topo um catavento com cerca de dois pés quadrados de moldura, onde estão as imagens dos Santos (São João, Santo Antônio e São Pedro) pintadas em panos de algodão.

Ao anoitecer, finda a reza, o mastro é levantado. No seu pé são colocados os votos de boa colheita: punhados de arroz, feijão, milho, etc. Tudo é feito com muita seriedade e mesmo com um solenismo invulgar.

Espocam os rojões.

Parece que a terra vai arrebentar, tamanho são os estrondos ...

Viva São João! Viva.

Viva São João! Viva.

A fogueira é acesa e solto o primeiro balão, o que mais empolga a molecada. Por certo, elas enviam no bojo inflado e colorido de cada balão que sobe, um pedaço do seu mundo de inocência e uma mensagem de alegria, pois sabem que tudo que sobe tem de cair e, amanhã, eles irão cair, como presentes coloridos mandados do céu ...

*“Enquanto, correndo pelos caminhos
Na pega aos balões,
Italianinhos e caboclinhos
Confundem, na alegria, os corações”.*

NOITE DE MAGIA

Pela sua origem agrícola, cuja grande projeção está marcada nos latifúndios cafeeiros, podemos entender a influência mágica da noite de São João sobre as plantas.

Até bem pouco tempo, no noroeste paulista, as brasas da fogueira eram espalhadas pelos campos a fim de produzirem boas colheitas.

O alho plantado na véspera de São João amanhece germinado; a arruda cresce à meia noite, mas o diabo vem e arranca-lhe as flores todas.

A FLOR DA SAMAMBAIA É O AMULETO DA FELICIDADE :

— Como é do conhecimento geral, a samambaia (*pteridófito*) pertence aos grupos das plantas que não produzem flor. Curiosamente, o mito da flor de samambaia está ligado à festa de São João — contrariando a natureza, na madrugada do dia 24, quando os devotos andam sobre as brasas da fogueira, nasce uma linda samambaia. Quem for aos lugares úmidos da mata, onde medra essa planta

e colher uma, será feliz para o resto da vida. Porém, quem for em busca dessa flor deverá fazê-lo antes do sol nascer, pois com os raios solares dela desaparecerá ..

A noite de São João é a noite da magia e das adivinhações, nas quais figuram, geralmente, as que fazem as moças casadoiras para o Santo revelar o futuro, e pedir que: no ano seguinte, possam lá estar participando da festa com o marido pendurado no braço (a tradição é de origem portuguesa — em Portugal, São João é o santo casamenteiro).

As mais prodigiosas são:

- Colocar a clara de ovo dentro de um copo com água, coberto com lenço e posto no sereno, tendo sobre ele uma tesoura aberta em forma de cruz e um rosário bento.
- Na manhã de São João, a forma que tomar a clara (lembrando: igreja, navio, caixão de defunto, etc.) anunciará o casamento, viagem ou morte da pessoa que realizou a prova.
- Uma variante do copo d'água no sereno é a de escrever o nome dos rapazes conhecidos em papeluchos. Dobrá-los e colocá-los no copo. Aquele que, no dia seguinte, estiver aberto indicará o nome do futuro marido.
- Ainda há a das agulhas no copo, que devem flutuar sobre água de bananeira. Se, pela manhã, estiverem unidas, quer dizer que o casamento está próximo.
- Quem não vir o rosto refletido numa bacia com água, não chegará ao próximo São João.
- Outra prova é a observação da direção da bandeira do Santo erguida no mastro fincado no terreiro. Quando ela amanhecer voltada para a porta da casa de alguém, é sinal de mudança ou morte do morador.

FESTA DE SÃO JOÃO

Tupi é um distrito de Piracicaba com população aproximada de 6.000 habitantes, onde a festa de São João constitui um dos grandes eventos, tradicional, capaz de atrair milhares de pessoas de toda a região.

A festa traz ainda a marca das raízes dos tempos coloniais das capelarias, velas de São João, lavagem do Santo, passagem dos devotos sobre as brasas da fogueira, para assombro de muitos que lá comparecem ...

As capelas, ranchos formados por homens e mulheres, coroados de flores de São João e folhas, que percorriam alegremente as estradas e as ruas dos povoados, cantando uma toada que tem por estribilho os versos conhecidos:

*“Capelinha de melão
É de São João;
É de cravo, é de rosas,
É de manjericão”.*

Depois do cortejo, reunidos ao povo, caminhavam em procissão em direção à barranca dos rios ou das praias, para o “Banho de São João”. Esses banhos, hoje praticamente desaparecidos, são, segundo nossa opinião, a lembrança do batismo do Cristo ministrado por João nas águas do Rio Jordão.

No caminho do banho os capelistas cantam

*“Meu São João
Eu vou me lavar
E as minhas mazelas
Irei lá deixar”.*

Segundo depoimento do senhor João Francisco Basso, em 1981, hoje falecido, nascido em 1902, na Fazenda Morro Grande, Distrito de Tupi, e um dos fundadores da festa, esta foi realizada pela primeira vez no ano de 1934. Naquele tempo, o presidente da Capela era Marcelino Boareto e o vice-presidente, Pedro Ludovico. Entre outros, os primeiros festeiros foram: Luís Boareto, João Francisco Basso, Ana Boareto, Carlos Dedordi e Lalo Gonçalves de Oliveira, João Batista Jorge, Vitório Marengo, Benedito Franco de Oliveira, Belmira de Oliveira, José Gonçalves Barroso, José Basso e Feliciano Gonçalves de Oliveira, o sacristão da Capela na época.

“A procissão, levando o Santo, saía da Capela dirigindo-se até o córrego do Tijuco Preto, onde se fazia a lavagem da imagem e dos fiéis, que lavavam o rosto, retornando o cortejo para a pequena igreja”.

Depois de uma pausa, o informante retornou à narração:

“Ao aproximar-se da meia-noite, era aberta a fogueira e as primeiras pessoas a passar sobre as brasas eram Feliciano Gonçalves e Maria Soares, conhecida por Nhana Soares”.

A partir de 1964, a capelaria não se realizou, assim como o batismo de São João, só retornando esse cerimonial a ser feito em 1980, quando a diretoria da Capela e os festeiros se empenharam em reviver a tradição. Nesse ano, com a colaboração da Coordenadoria de Turismo, às 18 horas, deu-se a bênção da Bandeira de São João após a missa e o levantamento do mastro. Às 23 horas, a procissão

iluminada com as velas de São João saiu da igreja em direção ao Tijuco Preto para a lavagem do Santo. À meia-noite, a fogueira foi aberta para a passagem dos fiéis descalços sobre o braseiro.

Em 1998, como manda a tradição, a festa se repetirá com alvorada de 21 tiros de rojão, missa, levantamento do mastro com o lançamento na cova dos grãos, para que as colheitas do ano seguinte sejam fartas. As moças colocarão madeixas de cabelo, pois, assim procedendo, no próximo São João, os cabelos estarão crespos. Às 23 horas, a procissão levará o Santo para a lavagem e, à meia-noite, quando da fogueira só restarem brasas, acontecerá a passagem dos fiéis.

COZINHA DE SÃO JOÃO

No barracão da Capela, como sempre, será servido o tradicional frango, cus-cuz e leitoa assada.

*“Torra pipoca,
Flor de algodão!
Se não torras direito
Vou contar a São João”.*

Nas barraquinhas da quermesse figuram dezenas de guloseimas, particularmente, a saborosa canjica e o tradicional “bolo de São João”, mas, também, rosquinhas, amendoim torrado, pés-de-moleque, cocadas e paçoca, delícia da criança que enche a boca borrifando em todo mundo, quando fala. O que é um gosto para ela .. E a pipoca, torrada ao som da colher batida na tampa da panela.

17

FESTA DO DIVINO

(A FOLIA DO DIVINO E A FESTA DO DIVINO)

São dedicadas ao Divino Espírito Santo, com data móvel, podendo ocorrer no domingo de Pentecostes (50 dias após a Páscoa) e nos dias (sábados) posteriores.

POSIÇÃO GEOGRÁFICA – Encontrada em Anhembi, Apiaí, Cunha, Franca, Guararema, Guaratinguetá, Lagoínha, Moji das Cruzes, Nazaré Paulista (celebrada a 29 de junho), Olímpia, Socorro, Salesópolis, Santa Isabel, São José dos Campos, São Luís do Paraitinga, Taubaté, Tietê (ocorre em dezembro) e Piracicaba (o encontro é realizado na primeira quinzena de julho).

HISTÓRICO – Era costume, em Portugal, realizar-se nas igrejas vigílias, quando se distribuía comida em abundância, porém, geralmente, as pessoas perdiam-se no pecado da gula e em outros tantos, assim, foram abolidos os “votos do Espírito Santo”, por ocasião do Pentecostes.

Nas “Ordenações Filipinas”, livro V, título 5, parágrafo 1º., encontramos a permissão para os “votos do Divino”. Tal lei esclarece que nas Festas do Divino havia acompanhamento musical, como constatar nas realizadas, ainda hoje, no Brasil.

A tradição informa que a instituidora da Festa do Pentecostes ou do Divino foi a Rainha Santa Isabel, esposa do Rei Trovador – Dom Dinis.

Conta a lenda que a Rainha Isabel era sumamente caridosa; diariamente distribuía comida aos pedintes que se acercavam dos muros do palácio. O número deles aumentou tanto que o rei (conhecido como mão-fechada) proibiu tanta prodigalidade por parte da esposa.

Certa ocasião, Isabel, carregando no covô do avental pedaços de pão, para distribuí-los aos pobres, encontrou rei em seu caminho.

— O que – perguntou-lhe, intrigado – leva no avental?

— Levo rosas, – respondeu a caridosa senhora.

— Quero ver.

Temerosa, ela abre o pano e Dom Dinis vê rosas, belas rosas.

Do “milagre das rosas” ou “painis gradilis” da cultura romana, transportada para Portugal, pode ter vindo o costume de distribuir pão, carne ou outros alimentos ao povo, nas Festas do Divino.

Segundo o saudoso folclorólogo piracicabano, Alceu Maynard Araújo, foi a Festa do Divino, introduzida no Brasil, pelos portugueses, por volta de 1765.

As cidades brasileiras nasceram ao redor das capelas. À paróquia pertencia a coroa de prata, que todos os anos era sorteada para a coroação do Imperador do Divino, isto é, o festeiro, pessoa que teria a responsabilidade da festa.

No Estado de São Paulo há dois tipos distintos de Festa do Divino: a realizada no rio e na terra.

As festas realizadas na água revivem a tradição, pois as primeiras aconteciam no caminho mais natural e mais fácil, os rios. Isto porque, regra geral, todas as fundações nasceram à beira das estradas líquidas.

A Festa do Divino é realizada em etapas: Folia do Divino, Pousa, Leilão, Encontro das Bandeiras e Procissão.

A FOLIA – É efetuada por ocasião da Festa do Divino. Os devotos, carregando a Bandeira do Divino, formam o “bando precatório” para percorrer as casas em busca de prendas, votos ou “promessas”. A bandeira vai à frente, carregada por um “banderero”, cuja herança do cargo passa de pai para filho. Na ponta do mastro, está a Pomba do Divino, representando a Santíssima Trindade, cheia de fitas coloridas. Cada fita representa um ex-voto. Segue-se a musicaria (violões, caixas, chocalho, reco-reco e adufe).

Logo atrás, a xaranga, constituída de homens, mulheres e crianças. O canto é bastante triste, acompanhado por estribilho vocal (xaranga).

POUSO E LEILÃO – O Leilão, feito na sexta-feira (em Piracicaba, no Largo dos Pescadores), antecede o Encontro e é posterior ao Pousa.

O Pousa, hoje, tem apenas função de ponto de encontro dos participantes dos barcos de rio abaixo.

No passado, durante o pousa eram realizadas as tradicionais rodas de cururu.

ENCONTRO DA BANDEIRA – Estrutura:

1. Irmãos do Pousa ou de baixo ou do rio acima;
2. Irmãos do Divino ou de cima ou do rio abaixo;
3. Trabuqueiro;
4. Capelão;

Em Piracicaba:

- a) os Irmãos do Divino concentram-se na Rua do Porto (Avenida Beira Rio) e aguardam a chegada da Corporação Musical, que leva ao porto de saída os Irmãos do Pouso;
- b) a Bandeira do Divino é despida de todos os ex-votos pelas mãos dos festeiros;
- c) a largada é dada ao sinal do fogueteiro do Encontro, espocando no ar um rojão, aviso aos Irmãos de Baixo. (Isto em Piracicaba; em outras regiões o faz o estampido de trabuco);
- d) começa a descida e a subida das canoas. As remadas são dadas ao sinal combinado de trilos de apitos;
- e) há o Encontro saudado por festa pirotécnica, soltura de pombos, Hino Nacional Brasileiro;
- f) a Folia, desde a partida até o aportamento, vem cantando; e,
- g) à chegada, após o Encontro, cumprem-se as promessas; depositam-se moedas no saquitol e fitas na Bandeira (ex-votos).

Nas Festas em Piracicaba, muitas são as festanças que acontecem em louvor ao Divino: Samba Rural Paulista, Congada, Cururu, Caninha Verde, Dança dos Tangarás, Cateretê, etc.

No período festivo, a Rua do Porto é povoada de barraquinhas, onde encontramos os mais variados petiscos e pratos caipiras, também, carrinhos de pipoca e lanches, não faltando as bugigangas e as lembranças.

Segundo a documentação, a Festa do Divino, às margens do rio Piracicaba, na tradicional Rua do Porto, data de 1826. O Encontro foi introduzido em 1862, por Viégas Muniz.

AS PROMESSAS

As promessas são, na realidade, um ato de agradecimento pela graça recebida e se traduz principalmente pelo ex-voto, que, na Festa do Divino, são as fitas que a Bandeira ganha como expressão de gratidão e devoção.

Geralmente, a cor da fita tem um significado próprio, que pode definir o sexo, a idade e o estado civil do devoto:

- senhoras casadasfita vermelha;
- homens.....fita marrom ou azul marinho;
- moças solteiras.....fita azul-claro;

- jovensfita verde;
- criançasfita branca.

Porém, entre as várias formas de manifestação da fé popular, a que mais impressiona é a dos chamados “amortalhados”.

O devoto deita-se no chão, de costas, sobre um lençol, ritual conhecido como “deitar-se para o Divino”. Com a ajuda de familiares ou amigos, o lençol é enrolado em seu corpo como se fosse uma mortalha. Assim, a procissão passa sobre eles. A mortalha, geralmente, é um lençol de cor branca, contudo, muitas vezes, são usadas colchas floridas e panos coloridos. Em Piracicaba, a mortalha está em vias de desaparecimento, deita-se sem lençol.

OS FESTEIROS DESTE SÉCULO

Os únicos escritos, documentados, da Festa do Divino, foram iniciados no século XX, com a edição periódica dos jornais na cidade. Abaixo, os festeiros e algumas das características das festas, a partir de 11 de junho de 1910.

1ª FESTA DO SÉCULO XX

11/06/1910

Festeiro: Antonio Morato Carvalho.

Característica: deslizavam as barcas, em vez deixá-las soltas ano leito do rio Piracicaba.

12ª, em 1911

Festeiro: José Coelho Prata e Julieta Fleury.

Auxiliare dos Festeiros: Maria Angélica de Moraes, Firmina Dorta, Maria Rita Francelli e Maria Osório Rodrigues.

Alferes da Bandeira: João Damy.

Mordomos: Cel. Antonio de Pádua Leite, Aquilino José Pacheco, João Egydio Rodrigues e Manoel Cirillo da Silva.

13ª, 15 de junho de 1912

Festeiro: Antonio da Costa Pinto, capitão José Elias de Camargo Salles.

Características: as ruas eram enfeitadas com bambus.

14ª, 14 de junho de 1913

Festeiros: José Elias de Camargo Salles e Antonio da Costa Pinto.

15ª, 13 de junho de 1914

Festeiros: José Elias de Camargo Salles e Antonio da Costa Pinto.

16ª, 22 de maio de 1915

Festeiros: Maria Antunes Barreira e Maria Rita Francelli.

Auxiliar: Joaquim Maria de Souza.

Agradecimentos: (o primeiro realizado) uma semana após.

Reses: foram abatidas sete.

17ª, 10 de junho de 1916

Festeiros: Antonio Camargo Cevilia e Ana Gertrudes Ferraz.

18ª, 9 de junho de 1917

Festeiros: Antonio da Costa Pinto e capitão José Elias de Camargo Salles.

19ª, 3 de junho de 1918

Festeiros da igreja: Antonio Camargo Barros e Maria Correa Libório.

Festeiros do rio: Antonio de C. Negreiros, Antonio de C. Cecília, Estevam Siqueira, Afonso Pecorari, Sebastião do Amaral, Antonio da Costa Pinto.

20ª, 7 de junho de 1919

Festeiro: Thiao Roberto Stipp e Joanna de Lello.

21ª, em 1921

Só foi encontrado na pesquisa o nome do cozinheiro Sebastião Barbosa, o Sebastião Negrinho.

22ª, 9 de junho de 1921

Festeiros: Joaquim de Camargo e Estevam Siqueira.

Característica: a missa solene foi abrilhantada pela orquestra de Tobias Barreto.

23ª, 3 de junho de 1922

Festeiros: Álvaro Pinto Novaes e Estephania de Godoy Pinazza Pinto Novaes.

24ª, 19 de junho de 1923

Festeiro: José Virgílio.

25ª, 7 de junho de 1924

Festeiros: Ozório de Moraes e Maria de Lourdes Lemaire de Moraes.

Característica: o melhor cozinheiro da época, em assados, foi Sebastião Negrinho - nas quermesses e leilão de assados e cuscuz.

26ª, 30 de junho de 1925

Festeiro: Jerônimo Bueno de Godoy.

Característica: promoveu um leilão de assados.

27ª, 22 de junho de 1926

Festeiros: Plínio Correa de Lara e Maria Guilhermina Lopes Fagundes.

Característica: o sábado também entra nas comemorações e é acrescentado o termo "Espírito Santo" à festa.

28ª, 18 de junho de 1927

Festeiros: Antonio Fernando Lopes e Isaura Laudino Camargo.

Característica: O Encontro das Bandeiras aconteceu num sábado.

29ª, 16 de junho de 1928

Festeiros: Joaquim de Bello Lara e Ana Morato Ferraz.

30ª, 3 de junho de 1929

Festeiros: Luís Alves Filho e Waldomira Silveira Bello.

Característica: o Encontro também foi realizado num sábado. Nesta, faleceu no rio o jovem Gumercino de Azevedo Godoy, cirurgião dentista, funcionário municipal e tesoureiro do Clube Regatas. A embarcação

31ª, em 1930

Festeiro: Major Bento Ferraz de Campos.

32ª, em 1931

Festeiro: Major João Mendes Filho.

33ª, em 1932

Festeiros: Paulo Elias Pecorari e Carolina Franchelli Mutschelle.

34ª, em 1933

Festeiros: Davi Sarruge e Ylayma Libório Sarruge.

35ª, em 1934

Festeiro: Mário Lordelo e Sra.
Leiloeiro: Bráulio de Azevedo.

36ª, 26 de maio de 1935

Festeiros: Francisco Martins de Melo e Elisa Martins de Melo.
Característica: o Encontro foi filmado e o sermão foi do famoso padre João Lisboa.

37ª, 6 de junho de 1936

Festeiros: João Bptista de Camargo e Rosa Torres de Camargo Mendes.

38ª, 23 de maio de 1937

Festeiros: Aquilino Pacheco Filho e Antonieta Ferraz Pacheco.

39ª, 5 de junho de 1938

Festeiros: Marcelo Nogueira de Lima e Zenaide Nogueira de Lima.

40ª, 27 de maio de 1939

Festeiros: Jorge Coury e Ovia Coury.

41ª, em 1940

Festeiros: João Grisolia e Philomena Girsolia.

42ª, em 1943

Festeiros: Oswaldo Lopes Abelha e Sra.

45ª, em 1944

Festeiros: Ettore Braz Caprânico e Sra.

46ª, em 1945

Festeiros: Também não se encontraram, em documento algum, os nomes dos festeiros. É bem possível que aqui entre o Sr. Pedro Beraldi (o Pedro Bucheiro).

47ª, em 1946

Festeiros: Oswaldo Libório e Maria Libório.

48ª, 27 de maio de 1947

Festeiros: Pedro Botene e Isabel Barbosa Botene.

49ª, 15 de maio de 1948

Festeiros: João Guidotti e Izis Ferraz Guidotti.

50ª, 16 de junho de 1949

Festeiros: José Barbosa de Mattos e Encarnação Romera de Mattos.

51ª, 26 de maio de 1950

Festeiros: Dante Rensi e Sra.

52ª, 28 de maio de 1951

Festeiros: Joaquim Sérvolo e Nely Sérvolo.

53ª, em 1952

Festeiros: Pedro Krahenbuhl e Santa Morat.

54ª, 26 de junho de 1953

Festeiros: João Gonsales Marchiori e Joana Marchiori.

55ª, em 1954

Festeiros: Antonio Romano e Sra.

56ª, 17 de setembro de 1955

Festeiros: José Gobeth e Maria de Lourdes Gobeth

57ª, 15 de setembro de 1956

Festeiros: Francisco Vendemiatti e Sra.

58ª, 28 de setembro de 1957

Festeiros: Virgílio Castilho e Sra.

59ª, em 1958

Festeiros: Romeu Gomes de Oliveira e Sra.

60ª, 19 de setembro de 1959

Festeiros: Samuel de Castro Neves Filho e Elza Olbrich de Castro Neves.

61ª, em 1960

Festeiros: Ludovico Trevisan e Sra.

62ª, em 1961

Festeiros: Alberto Coury e Eunice Coury.

63ª, em 1962

Festeiros: Fernando Vechini e Sra.

64ª, em 1963

Festeiros: Hermínio Pinazza e Maria de Lourdes Godoy Pinazza.

65ª, em 1964

Festeiros: Angelo Sacchi e Sra.

66ª, em 1965

Festeiros: Monsenhor Francisco Mutschelle.

Entre 1966 e 1970

Por ordem da Pastoral de D. Aniger, bispo de Piracicaba, a Festa do Divino não foi realizada.

67ª, 16 de outubro de 1971

Festeiros: Luis Sartori e Yolanda Franhani Sartori.

68ª, em 1972

Festeiros: novamente Luis-Yolanda Sartori.

69ª, em 1973

Festeiros: Antonio Roque Barbosa e Jacira Ferreira Barbosa.

70ª, 13 de julho de 1974

Festeiros: Dylmar Moretti Rochelle e Maria Paula Fabris Rochelle.

71ª, em 1975

Festeiros: João Benedito de Pádua e Ivone de Paula Pádua.

72ª, em 1976

Festeiros: Waldemar Bullo Junior e Eunice Therezinha Alves Bullo.

73ª, em 1977

Festeiros: Jaime Curcio e Maria Cecília de Lima Curcio.

74ª, em 1978

Festeiros: Luiz Gonzaga Medeiros e Nair Gobo Medeiros.

75ª, em 1979

Festeiros: Orlando Louvadini e Helena Francisca Ometto Louvadini.

76ª, em 1980

Festeiros: Waldemir Coelho Prates e Terezinha Gonzales Prates.

77ª, em 1981

Festeiros: Antonio Cartori e Maria Floris Cortezi Cartori.

78ª, em 1982

Festeiros: Venâncio Teixeira da Cruz e Aparecida Andreza Paula da Cruz.

79ª, em 1983

Festeiros: Jamil Maluf e Maria Aparecida Maluf.

80ª, em 1984

Festeiros: Hugo Pedro Carradore e Iolanda Meneghel Carradore.

81ª, em 1985

Festeiros: Osvaldo de Almeida e Santina de Souza Almeida.

82ª, em 1986

Festeiros: Raul Zotelli e Erotides Zotelli.

83ª, em 1987

Festeiros: Alfredo Carraro e Inês Corrêa Carraro.

84ª, em 1988

Festeiros: Antonio de Pádua e Maria Vitalina de Pádua.

85ª, em 1989

Festeiros: Adilson Benedito Maluf e Rosa Maria Bolonha Maluf.

86ª, em 1990

Festeiros: José Valter B. de Godoy e Jorgina Felicino de Godoy.

87ª, em 1991

Festeiros: José Machado e Janet Raquel T. Machado.

88ª, em 1992

Festeiros: Nelson Fischer e Celene Marly de S. Fischer.

89ª, em 1993

Festeiros: Jaime Olaia e Neide Fernandes Olaia.

90ª, em 1994

Festeiros: José Antonio Sartori e Marta Lúcia Sartori.

91ª, em 1995

Festeiros: Antonio Carlos de Mendes Thame e Daniele Mendes Thame.

92ª, em 1996

Festeiros: Luiz Gonzaga Neto e Marina Ometto de Mello Gonzaga.

93ª, em 1997

Festeiros: Durvalino Congo e Rosa de Freitas Congo.

94ª, em 1998

Festeiros: Yuji Miyazaki e Maria Aparecida Malagueta Miyazaki.

18

TIPOS POPULARES

Os tipos populares trazem em grande dose o que as pessoas carregam consigo de grotesco, excêntrico e ridículo, procurando sempre esconder. Na lista dos tipos populares há um predomínio total de características sociais, psicológicas e somáticas exacerbadas. Estas pessoas são notadas, observadas e exploradas com arte e humor, tornando-se, por que não dizer, queridas no seio do grupo social. Geralmente perdem o nome e ganham um apelido, incorporando-se ao folclore da região.

O CAVALO DE NHÔ FELIX

A expressão, autenticamente piracicabana, “não sou cavalo de Nhô Felix”, que equivale a — “não sou burro de carga”, vim conhecê-la em 1948, quando aqui desembarquei, na estação da Paulista, de “mala e cuiá”, sem saber que ia ficar definitivamente acorrentado aos encantos da “Noiva da Colina”... Mas, essa é outra história ...

A história que vamos contar aconteceu lá pelos anos 20.

Nhô Felix não foi figura heróica. Foi uma figura humana que viveu pelo sopro lírico que anima os homens de boa vontade ... Filho da roça, não recebera como herança a majestade dos grandes paus-d’alho, mas era uma boa alma, um coração de criança em corpo de adulto. Vivia com certa tranquilidade no seu pedacinho de terra, a umas quatro léguas da cidade.

Cegamente, confiando sempre no próximo, estava a todo momento pronto para servir quem quer que fosse.

Entre todos esses atributos, Nhô Felix era dono do único cavalo de sela de toda aquela redondeza, em volta do seu rancho.

A quadrinha retrata a sabença popular:

*“Espingarda de caça,
Cavalo de raça,
Mulher de estimação,
Não se empresta não.”*

Sem pretender fazer uma exposição de pesquisa sobre a cultura popular, basto-me em lembrar que a “Lei de Cavalaria”, na Idade Média, rezava:

“Cada cavaleiro com suas armas, seu cavalo e sua dama”.

Porém, Nhô Felix não era lá muito devoto dessa reza. Seu alazão, emprestava-o a todos quantos dele tinham necessidade de vir a Piracicaba.

Assim foi, até que o cavalo de Nhô Felix tornou-se conhecido em todo o município.

Quando, na estrada poenta, que dava entrada à cidade, apontava um cavaleiro, os do arrabalde, curiosos, comentavam:

— De longe, não dá pra ver quem é, mas a montaria é o cavalo do Nhô Felix

...

E, como não podia deixar de acontecer, o alazão tornou-se “Casa de Mãe Joana” — onde todos têm domínio, vontade e liberdade. Podem por e dispor, mandar e desmandar, usar e abusar.

Na oportunidade, se alguém pretendia sobrecarregar outrem de uma tarefa, logo vinha a contestação:

— você está pensando que eu sou o cavalo de Nhô Felix?

Naqueles idos, o Brasil vivia sob o quadriênio de Artur Bernardes, que governava, estando o país em estado de sítio. No Norte, o governo sufocava movimentos de insurreição, contudo não era capaz de fazê-lo com a mesma presteza em São Paulo, onde oficiais da guarnição federal, unidos a uma parte da Força Pública, tendo à frente o Major Miguel Costa, obrigaram o Presidente do Estado, Carlos Campos, a abandonar o posto e refugiar-se. O Estado-Maior revolucionário, comandado por Joaquim Távora, confiou a direção do movimento a Isidoro Dias Lopes, general reformado e veterano da Revolução Federalista.

A cidade de São Paulo foi o cenário da luta durante 23 dias (5 a 28 de julho de 1924). Depois, os revolucionários bateram em retirada ao encontro dos companheiros sublevados que vinham do Rio Grande do Sul. Era formada a Coluna Prestes. Este movimento revolucionário, que se liga aos “18 do Forte de Copacabana”, opunha-se ao sistema eleitoral, o qual não representava a vontade popular.

Ora, depois de vencida a revolução, o Governo deu início a uma onda de perseguições, provocando, como consequência, o fortalecimento da oposição.

Aproximavam-se as eleições municipais. O poder em Piracicaba estava em mãos governamentais e estes usavam de todas as benesses da administração na campanha eleitoral.

A prefeitura possuía um fordinho, o único para o uso do serviço público, que passou a transportar, “de cima para baixo e de baixo para cima, os cabos eleitorais do partido governista.

Diante de tal fato, a oposição, por sua vez, não teve dúvidas em fazer a de-

núncia pública:

— O automóvel da prefeitura não é cavalo de Nhô Felix, não pode ser usado na campanha do Governo. Isso é peculato, é corrupção passiva. É crime praticado contra a coisa pública.

A denúncia estourou como uma bomba. Cada vez que o fordinho carregado com os cabos do governo cruzava pela cidade, o grupo da oposição comentava:

— Propriedade municipal não é cavalo de Nhô Felix! ...

A piada caiu no gosto popular. Era o fordinho passar e a criançada sair correndo atrás gritando:

— Cavalo de Nhô Felix, cavalo de Nhô Felix ...

A coisa chegou a tal ponto, que o alcaide piracicabano, Fernando Costa, foi obrigado a por fim ao abuso. Reuniu os funcionários e, na frente dos correligionários, deu o ultimatum:

— O primeiro que sair com o fordinho sem minha autorização expressa, ponho no olho da rua ...

As eleições foram vencidas pelo Partido Independente, o da oposição. O fordinho foi aposentado, o cavalo de Nhô Felix morreu, mas a expressão popular, a frase feita, “não sou cavalo de Nhô Felix, ficou até hoje.

NHÔ JORGE BICHEIRO, AQUELE QUE ERA LOBISOMEM

Os piracicabanos com menos de quarenta anos, só ouviram falar, não conheceram Nhô Lica, o das pedras preciosas. Mas antes havia Açucarina e Cascafina, Epa Lalá, João Jacinto e Nhô Jorge Bicheiro, o que foi lobisOMEM, e outras figuras folclóricas de antanho, das quais muito se falou no tempo da amorosa. Como dizia o Velho Cascudo:

— “Épocas passadas, remotas, longínquas; bons tempos, tempos saudosos, que já não voltam. Meu tempo de Amorosa! ...”

Vamos reviver a figura de Nhô Jorge Bicheiro, caboclão forte, cabelos grisalhos, rosto marcado por espinhas, quando andava balançava a cabeça. Segundo o saudoso amigo Eugênio Saccone, que o conheceu nos seus tempos de menino, — “tinha jeito de cachorro louco”.

— Onde vai?

— Vou fazer um joguinho no Nhô Jorge LobisOMEM ...

Nhô Jorge era por demais conhecido em Piracicaba lá pelos anos vinte e sete. Dedicava-se a uma única profissão — era bicheiro e, nas horas vagas, tocava clarineta.

Bicheiro não era bem o termo, porque além de receber, ele bancava o jogo. Quando sua banca estava carregada, passava uma parte do jogo para o outro ban-

queiro da cidade.

Solteirão, morava no meio do quarteirão da Rua Santa Cruz, entre a Saldanha Marinho (antiga Rua Nova) e Cristiano Cleopath, em companhia de outro solitário: José Apolinário, um pintor de paredes.

Era uma casinha branca com cinco ou seis degraus que levavam a uma varanda. Ali ele recebia e pagava os ganhadores do jogo do bicho. Uma mesa, uma cadeira e um banco comprido de madeira, onde os apostadores aguardavam a vez, se constituía o seu chalé. O dinheiro das apostas, guardava-o em uma pequena canastra colocada ao lado da cadeira.

Às quatorze horas, Nhô Jorge fechava o jogo, ia ao quarto, lá, então, a clarinete sofria o castigo aplicado em sucessivos sopros ininterruptos, até as três e meia da tarde, deixando a vizinhança desesperada, mais que Maria Beú na procissão dos “Passos da Sexta-feira da Paixão”. Depois metia o chapéu-coco na cabeça, bengala ao braço e mão às costas, e descia em direção ao centro da cidade, cantarolando e balançando a cabeça para os lados. Ia buscar o resultado do jogo que vinha de São Paulo por telefone, às dezessete horas, na casa do outro banqueiro.

— Lá vai nhô Jorge Bicheiro ...

— Dizem que ele vira lobisomem!

— E vira mesmo! Amanhã é sexta-feira, cuidado com as suas galinhas! Quando chega dia de sábado, Nhô Jorge está todo arranhado. É porque ele esteve nos galinheiros ...

— Será verdade?

— Ora se é! Toda gente aqui no bairro sabe disso. É só por reparo nele em dia de sábado, fica amarelo e com a cara arranhada que só vendo!

Na noite de quinta para sexta-feira, quando a lua cheia brilha no céu, ele vai em busca de uma encruzilhada onde haja estrume ainda fresco. À meia-noite, tira toda a roupa, fica pelado, atira-se no chão e rola, espoja-se na merda. Não demora muito, o homem vira lobisomem, transforma-se num bicho grande, do tamanho de um bezerro, um enorme lobo de orelhas pendentes, seus pelos são amarelados e os olhos vermelhos como fogo. Depois da transformação, sente sede de sangue e fome de carne. Assim, rosnando, entra nos galinheiros, estraçalha nos dentes as pobrezinhas e de sobremesa come bosta ...

Antes de nascer o dia, Nhô Jorge, que é lobisomem, vai até o portão do cemitério e lá consegue recuperar a forma humana ...

— Então, Nhô Jorge é mesmo um lobisomem?

— É, e vai ser até que alguém tenha coragem de quebrar o encanto!

— Mas como?

— Ferindo-o com um espinho de laranjeira que tenha sido plantada numa sexta-feira ...

Bons tempos aqueles: Tempos de Onça, Tempos do Padre Inácio, Tempo do Roca, Tempo de Murici, Tempo do Rei Velho em que se amarrava cachorro com linguça e os homens eram mais humanos ... bons tempos ...

NHÔ LICA

— “*Ali! Elas estão ali! Não vês tudo verde, as águas, a areia, os pássaros, as próprias nuvens?*”

— “Finalmente, finalmente o seu grande sonho se realizava!

“A seus pés os homens esvaziavam os surrões de couro. São centenas, milhares e milhares de pedras, verdes, brilhando, cintilando, faiscando.”

(Viriato Correa — A Bandeira das Esmeraldas)

Magro, rosto marcado por rugas profundas, chapéu amarrotado, gravata desbotada, vestindo o sobretudo de bolsos inchados com “pedras preciosas”, eu o conheci garimpando na Rua São José, com a sua inseparável bengala.

Em 18 de junho de 1954, aos 92 anos de idade, falecia no Asilo de Velhice e Mendicidade, Felix do Amaral Mello Bonilha.

Pelo nome Felix, ninguém o conheceu. Mas quem da minha geração não conheceu Nhô Lica? Foi ele a figura mais romântica deste século.

Tal qual Fernão Dias Paes, Nhô Lica sonhou com montanhas de esmeraldas, diamantes e rubis ...

Nhô Lica não gostava de ser chamado de velho. Conta Noedy Krahembuhl que “um dia acertou uma cacetada (bengalada) em plena canela do Paulo Grana-to, porque este por troça o chamara de velho”.

Frequentador constante dos caixas bancários, muitos quilos de pedregulhos e cacos de vidro deixou sobre os balcões ... Ia à missa todos os domingos e colocava no saco de coleta uma pedrinha. Monsenhor Rosa mandava guardar todas elas e, quando da construção da Catedral de Santo Antônio, entregou-as ao mestre de obras, para que fizessem parte do concreto de uma das colunas do templo ...

Nhô Lica era um homem feliz, um sonhador. Só interrompia seu sonho quando algum gaiato questionava o seu tesouro, ou quando a molecada troçava com ele. Aí, então, ficava muito bravo ...

Eram dez horas do dia dezenove de junho, uma manhã muito quente, quando seu fêretro, quase sem acompanhamento, deixou o Asilo de Velhice e Mendicidade. Todos os jornais da terra noticiaram sua morte.

Os restos mortais de Félix do Amaral Mello Bonilha encontram-se no Cemitério da Saudade, rua 3 (centro da quadra 33), sepultura 28, concedida pela Prefeitura Municipal, por requerimento do cidadão Êsio Toledo Martins, em 23

de setembro de 1954.

O nosso poeta Lino Vitti delineou-lhe o perfil, num soneto lapidar (Diário de Piracicaba, 20/06/1954):

*“Sob o silêncio cálido e jocundo
Do Lar dos Velhos – trôpego e hesitante,
Morreu o velho ‘Nhô Lica’ – o Bandeirante,
O maior garimpeiro deste mundo.*

*“Para ele, cada pedra era um diamante,
Vertia veios de ouro o chão profundo.
E, andava a tropeçar, cada segundo,
Em rubis e ametistas – delirante.*

*“Que grandeza naqueles ideais,
Naquela mente audaz de visionário,
Reformador da vida e dos mortais!*

*“O Pobre embora era o grande proprietário,
O maior, o maior latifundiário ...
Mais do quê? ... – De seus sonhos colossais!”*

OS PREGOEIROS CASCAFINA E AÇUCARINA

Lá pela década dos anos de mil novecentos e trinta, havia em Piracicaba um casal de italianos muito popular em toda a cidade, em virtude de seus pregões na venda de laranjas e mexericas.

Os apelidos vêm daí. Um atrás do outro, carregando nos braços grandes cestas cheias, percorriam as ruas. O marido anunciava as frutas, alertando em voz sonora, que tinham a casca fina:

*“Olha a laranja
é buona
de casca fina”.*

A esposa, incontinentemente, reforçava que possuíam “açucarina”, o que evidenciava a qualidade do produto:

*“É molto dolce,
tem açúcarina”.*

BRUNHONI

Outro tipo popular da mesma época (década de 1930) foi Brunhoni. Vendedor de calçados, anunciava sua presença cantando:

*“Jesù era macchinista
La madona era fochiata
Tutti santi entro degli vagoni
Cantavano: Viva Brunhoni”.*

Traduzindo:

*“Jesus era maquinista
Nossa Senhora era fogueira
Todos os santos dentro dos vagões
Cantavam: Viva Brunhoni”.*

Com esse destampatório de asneiras, Brunhoni, sem anunciar os calçados que estava vendendo, chamava a atenção para o próprio nome.

Ai de quem fizesse alguma pilhéria com ele! Virava um bicho. Não engolia gato por lebre e não levava desaforo para casa:

— *Mascalzone, farabutto, io ti strangolo figlio d...*

EPÁ LÁ LÁ

Epá lá lá foi uma figura muito popular por volta de 1925. Empalhador de cadeiras, ganhou o apelido por causa de seu pregão:

*“Epá lá lá
Tem cadeira pra empalá ...”*

JOÃO JACINTO

Dá-se o nome de “cabra” ao filho de mulato com negra. “Não há doce ruim nem cabra bom”.

Cabra da peste, cabra-de-peia ou cabra da rede rasgada titula o desordeiro, o cachaceiro promovedor de arruaças, o jagunço e o cangaceiro. Também ocorreu ambivalência no sentido, com a significação valorizada: cabra macho e cabra valente.

João Jacinto era um cabra da peste; baiano de nascimento e valentão registrado. Entre os “Dom Quixotes” da vida, era o que não escondia o seu sonho de cavaleiro medieval.

Nada atraente na estampa, de estatura mediana, sempre descalço, João Jacinto foi uma caricatura cômica e ao mesmo tempo triste da criatura humana, a encarnação de uma aspiração sempre enganada.

Dele, João Chiarini, que o conheceu, disse:

— “João Jacinto era capoeira sem berimbau. Derrubava soldado que nem macaco em roça de milho”.

Os estudantes da Escola Agrícola (ESALQ) e os da extinta Escola de Farmácia e Odontologia “Dr. Prudente de Moraes” ataçavam-no contra os milicianos, policiais de fardamento de lã preta com frisos vermelhos, portando na cabeça quepe, tal qual o do exército francês.

As vezes que João Jacinto enfrentou a polícia e foi preso, não se podem nem contar. Um quilômetro delas esteve entre as grades nos anos trinta. Naqueles tempos o delegado de polícia era o Dr. Ângelo Sangirardi, pai do escritor Ângelo Sangirardi Júnior.

Já no fim da vida, por não ter onde morar, passou a ser hóspede permanente de uma das celas do presídio. Protegido dos cabos Jerônimo e Bentinho, tornou-se o jardineiro da antiga cadeia que se incendiou em 1960.

João Jacinto! Qual o garoto daquela época que não o conheceu?

O capoeirista morreu, ninguém se lembra quando. O jornal não publicou seu necrológico. Foi sepultado como indigente ...

MARIA DA MALA

Maria da Mala, magra e miúda, andar preguiçoso e silencioso, arrastando as chinelas “havaianas”; sem eira nem beira, um melancólico disfarce de mulher.

Eu a conheci nos anos 70, sempre de mala em punho, como quem vai viajar, perambulando pelas ruas e praças da cidade ao longo dos dias, sob o sol canicular ou abrigando-se da chuva embaixo de uma marquise, sem pensar em resistir à própria sorte, com a passividade de uma pena conduzida ao sabor do vento.

Maria da Mala ganhou esse apelido porque nunca foi vista sem a sua bagagem. Louca, mas de uma loucura inofensiva, nunca incomodou ninguém. Dormindo em qualquer canto, nunca procurou o albergue noturno. Seu trajar, uma mistura de simplicidade, sempre foi de impecável limpeza. O único afazer não era outro, senão procurar uma bica d'água ou a barranca do rio para tomar banho, quase não escondendo as vergonhas, e lavar a roupa suja.

Os estudantes diziam-lhe galanterias, nas quais ela acreditava. Isso era um gosto para os rapazolas que frequentavam o antigo Café Haiti, na Rua Moraes Barros, próximo à Praça da Catedral.

Maria sonhou grandes romances de amor ... ou talvez os tenha vivido ...

TOTE — O CACIQUE DA RUA DO PORTO

Antonio de Pádua, mais conhecido por Tote, foi uma das figuras tradicionais da Rua do Porto. Lá ele fazia de tudo: inspetor de quarteirão, conselheiro, barbeiro e dentista — barbeava com canivete e arrancava dentes com alicate.

Em 30 de agosto de 1971, recebeu em São Paulo o troféu “Índio de Prata” pelo enorme número de salvamentos feitos no Rio Piracicaba.

Tote foi ribeirinho legítimo; nasceu em 24 de outubro de 1927, na Rua do Porto, e jurou que só sairia de lá morto. Ao ser perguntado quando tornou-se marinheiro do Divino, respondeu:

— “A primeira vez que saí de marinheiro eu tinha sete anos, isso porque antes dessa idade era proibido criança vestir roupa de marinheiro. Com dezoito anos comecei a ajudar a Festa, enfeitando os barcos e as ruas com bandeirinhas feitas pela minha mãe, Dona Antônia de Pádua. Era companheiro, nesse encargo, de Nhô João, Zé de Dito Meu. Naquele tempo, quem tomava conta dos marinheiros de rio-acima eram Fischer e Joaquim Mulato, e dos de rio-abaixo, eram João Pica-Pau e Iecó. O capelão da Festa era Monsenhor Rosa”.

A verdade é que, em 1950, Tote já puxava o varejão no barco do Divino, que levava a Banda, os festeiros, os marinheiros e devotos. Dois anos depois, passou a tomar conta dos marinheiros. E não podemos esquecer que, ao lado de João Chiarini e depois sozinho, carregava a responsabilidade na liderança do Grupo de Folclore, que se apresentava na Festa do Divino.

Antônio de Pádua guardava muitas histórias curiosas para contar:

— “Em 1958, quando o barcão do Divino afundou, ainda havia o antigo porto de areia do Adâmoli; só quem não caiu na água foi padre, que ficou dependurado na grade do barco. A banda afundou com instrumento e tudo. Dos anjinhos só se via a ponta das asas. Marinheiro, mulher, um mundão de gente dentro d'água. Eu, Toninho Chorão e Zé Carreiro tivemos um bruta trabalho para tirar gente grande e principalmente a criançada de dentro da água”.

ELIAS DOS BONECOS

Quem vai à Rua do Porto, entrando pela Avenida Beira Rio, e olha para a margem direita do Piracicaba, tem a impressão de estar vendo uma imensidade de pessoas pescando. Não é gente, não. São os bonecos do Elias.

Elias Rocha é piracicabano da barranca do rio — nasceu na Chácara do Morato, em 3 de março de 1931.

São suas palavras:

— “Minha mãe criou sete filhos no lombo deste rio! Sou que nem sapo acostumado com o brejo. Saiu, num acostuma em outro lugar”.

De cor acobreada, cabelos lisos, olhos escuros e estatura mediana, trás no rosto e na fala pausada a marca do caboclo.

— “Meu pai, Renato Rocha, era piracicabano, filho de bugre. Eu amo Piracicaba. Meu coração se abre na Rua do Porto”.

Aos sete anos, entrou no Grupo Escolar Francisca de Castro (onde foi a Escola Megatec). Frequentava as aulas no período da manhã e à tarde trabalhava na cerâmica (as chaminés ainda estão em pé). Depois de trabalhar em várias indústrias, resolveu aposentar-se, comprar uma carroça e fazer bonecos. Isto por volta de 1975.

— “Tive duas carroças e três cavalos, um era égua. Em todos eles ponhei o nome de Lontra”.

Quando, em 1979, Elias foi levado à Capital, para fazer uma Exposição no “Centro Cultural de São Paulo”, ganhou quinhentos mil cruzeiros. Muito feliz, comprou uma carroça nova.

— Você é artista? perguntei.

— “Sou brincalhão, escultor, carroceiro e catador de papelão e ferro velho”.

— Como resolveu fazer os bonecos?

— “Antigamente, eu fazia Judas; em 1975, a menina Andréia me pediu pra fazer um boneco. Eu fiz, foi o primeiro. Já fiz mais de dois mil”.

Realmente, é verdade. Elias tem seus bonecos espalhados por este Brasil afora: Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA), sem contar as cidades do Tietê-Médio, que guardam sua obra de sucata em seus museus.

O material usado é realmente sucata: galhos de árvores, pedaços de arame, pneus velhos, restos de tapeçaria, baldes de plástico, roupas velhas, tudo catado no lixo.

Devoto do rio e do Divino Espírito Santo, por ocasião da Festa, decora o Largo dos Pescadores e o trajeto da procissão, pintando, sobre o asfalto, peixes, aves e outros animais.

Conversar com ele é uma verdadeira delícia. Sabe dizer, ano a ano, quantas enchentes teve o rio, desde o seu tempo de menino. Tem muitas histórias, histórias do arco-da-velha para contar.

Para mim, Elias é um semeador de sabedoria popular. Primitivo na arte e poeta na alma.

19

NOMENCLATURA DAS ANTIGAS RUAS E PRAÇAS

O nome atual vem em primeiro lugar, sendo o último o mais antigo:

- AVENIDA BEIRA RIO E RUA DO PORTO – Rua da Praia
- RUA ANTÔNIO CORRÊA BARBOSA – Rua do Sabão
- RUA TIRADENTES – Rua da Palma – Rua dos Arcos – Rua da Raia
- RUA ALFERES JOSÉ CAETANO – Rua do Pau Queimado – Rua da

Constituição

- Rua da Boa Vista
- RUA DA BOA MORTE – Rua da Matriz
- RUA GOV. PEDRO DE TOLEDO – Rua do Comércio – Rua Santo

Antônio

- RUA BENJAMIM CONSTANT – Rua da Glória
- AVENIDA ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA – Rua do Itapeva
- RUA JOSÉ PINTO DE ALMEIDA – Rua da Misericórdia
- RUA SÃO JOÃO – Rua Monte Alegre
- RUA ALFREDO GUEDES – Rua São Pedro
- RUA BERNARDINO DE CAMPOS – Rua Alegre
- RUA MANUEL FERRAZ DE ARRUDA CAMPOS – Rua do Hospital

RUAS PERPENDICULARES À RUA DO PORTO

- RUA MORAES BARROS – Rua Direita – Av. da Constituição – Estrada de Itu – Picada de Mato Grosso
- RUA XV DE NOVEMBRO – Rua da Quitanda – Travessa do Sul
- RUA RANGEL PESTANA – Rua dos Ourives
- RUA DOM PEDRO II – Rua da Esperança
- RUA DOM PEDRO I – Rua Municipal
- RUA IPIRANGA – Rua do Quilombo
- RUA RIACHUELO – Rua do Tanque
- RUA FLORIANO PEIXOTO – Rua do Jardim
- RUA SÃO FRANCISCO – Rua Saldanha Marinho
- RUA PRUDENTE DE MORAES – Rua dos Pescadores – Rua dos Passos – Rua do Conselho – Rua da Ponte Velha

- RUA XIII DE MAIO – Rua das Flores – Rua do Cemitério
- RUA VOLUNTÁRIOS DE PIRACICABA – Rua Piracicaba
- RUA REGENTE FEIJÓ – Rua do Salto – Rua da Cachoeira
- RUA MONSENHOR MANUEL FRANCISCO ROSA – Rua da Caixa

D'Água

- RUA CRISTIANO CLEOPATH – Rua do Rossio
- RUA SALDANHA MARINHO – Rua Nova
- RUA CAMPOS SALLES – Rua da Ponte

PÁTIOS, LARGOS E PRAÇAS

PRAÇA JOSÉ BONIFÁCIO – Resultante da união da Praça da Catedral, Praça José Bonifácio e Praça Sete de Setembro. A parte vizinha à Matriz chamou-se Praça da Matriz – Jardim Central – Largo do Jardim – Pátio da Matriz. O outro extremo: Praça Sete de Setembro – Largo do Teatro – Pátio da Cadeia – Pátio do Pelourinho.

- PRAÇA DR. ALFREDO CARDOSO – Largo do Mercado
 - PRAÇA ENES SILVEIRA MELLO – Largo da Estação
 - PRAÇA ALMEIDA JÚNIOR – Jardim da Cadeia – Largo do Gavião
 - ESTÁDIO BARÃO DE SERRA NEGRA – Praça Barão de Serra Negra
- Largo do Cemitério
- PRAÇA MIGUEL ARCANJO BENÍCIO DUTRA – Largo da Boa Morte
 - PRAÇA ANTÔNIO CORRÊA BARBOSA – Largo da Fábrica
 - PRAÇA SÃO BENEDITO – Largo do Rosário
 - PRAÇA TIBIRIÇÁ – Largo Municipal – Largo da Cadeia – Largo da Boa Vista – Cemitério Municipal – Quarteirão de Santo Antônio

20

**AUTORIDADES EXECUTIVAS DE PIRACICABA DE
1767 A 1997**

POVOAÇÃO/FREGUESIA

Antônio Corrêa Barbosa	Capitão Povoador
Carlos Bartolomeu de Arruda	Sargento Mor
Joaquim de Meira Siqueira	Capitão Mor
Francisco Franco da Rocha	Capitão Comandante
Domingos Soares de Barros	Capitão Mor

VILA

1822	Ignácio de Almeida Lara	Alcaide
1823	João José da Silva	Juiz Ordinário
1824	Manoel de Toledo Silva	Juiz Ordinário
1825	Joaquim de Almeida Lima	Juiz Ordinário
1826	Joaquim Antonio da Silva	Juiz Ordinário
1827	José Joaquim da Silva	Juiz Ordinário
1828	José Vaz Pirão	Juiz Ordinário
1829	Miguel Antonio Gonçalves	Juiz Ordinário
1830	Manoel Duarte Novais	Juiz Ordinário
1831	Carlos José Botelho	Juiz Ordinário
1832	Francisco José Machado	Juiz Ordinário
1833	José Álvares de Castro	Juiz Ordinário
1834	Antonio Fiuza de Almeida	Juiz Ordinário
1835/37	Francisco José Machado	Prefeito
1838/39	Manoel de Toledo Silva	Prefeito

**A partir desta data o Presidente da Câmara passou a exercer as funções executivas. Este sistema perdurou até a Proclamação da República. É impossível precisar seus nomes porque eles se revezavam constantemente no cargo.*

1890	Paulo Pinto de Almeida	Intendente
1890	Francisco Rocha	Intendente
1891	Adolpho Corrêa Dias	Intendente
1892	Adolpho A. Narby Vasconcelos	Intendente
1893	Joviniano Reginaldo Alvim	Intendente
1893/98	Joaquim Sampaio	Intendente
1899/00	Aquilino José Pacheco	Intendente
1900/01	Paulo Moraes Barros	Intendente
1901	Aquilino José Pacheco	Intendente
1902/03	Manoel Ferraz de Camargo	Intendente
1904	Aquilino José Pacheco	Intendente
1905/13	Fernando Febeliano da Costa	Prefeito
1914/15	Antonio A. de Barros Penteadó	Prefeito
1916	Antonio Corrêa Ferraz	Prefeito
1917/25	Fernando Febeliano da Costa	Prefeito
1926	Coriolano Ferraz do Amaral	Prefeito
1927	José Barbosa Ferraz	Prefeito
1928	Eduardo Costa Sampaio	Prefeito
1929/30	José Rodrigues de Almeida	Prefeito
1930/31	Luiz Dias Gonzaga	Prefeito
1931/32	Benedito Rodrigues de Moraes	Prefeito
1932	Luiz Dias Gonzaga	Prefeito
1932/33	Ignácio da Cunha Caldeira	Prefeito
1934/36	Joaquim Norberto de Toledo	Prefeito
1936/38	Luiz Dias Gonzaga	Prefeito
1938/40	Ricardo Ferraz de Arruda Pinto	Prefeito
1941/43	José Vizioli	Prefeito
1943/45	Jorge Pacheco Chaves	Prefeito
1945/46	Bento Luiz Gonzaga Franco	Prefeito
1946	Antonio M. Belmudes de Toledo	Prefeito
1947	Bento Luiz Dias Gonzaga Franco	Prefeito
1947	Frederico Ferraz Orsi	Prefeito
1947	Oswaldo Machado Cardoso	Prefeito
1947	Eurico Jaime Guerra	Prefeito
1947	Geraldo Pinto de Toledo	Prefeito
1948/50	Luiz Dias Gonzaga	Prefeito
1951	Aldrovando Fleury P. Corrêa	Prefeito
1952/55	Samuel de Castro Neves	Prefeito
1955	João Basílio	Prefeito

RETRATO DAS TRADIÇÕES PIRACICABANAS

1956/59	Luciano Guidotti	Prefeito
1960/62	Francisco Salgot Castillon	Prefeito
1962	Manoel Rodrigues Lourenço	Prefeito
1962	Emílio Sebe	Prefeito
1963	Alberto Coury	Prefeito
1964/68	Luciano Guidotti	Prefeito
1968/69	Nélio Ferraz de Arruda	Prefeito
1969	Francisco Salgot Castillon	Prefeito
1969/72	Cassio Paschoal Padovani	Prefeito
1972/73	Homero Paes de Athayde	Prefeito
1973/77	Adilson Benedito Maluf	Prefeito
1977/82	João Hermann Neto	Prefeito
1982/83	José Aparecido Borghesi	Prefeito
1983/88	Adilson Benedito Maluf	Prefeito
1989/92	José Machado	Prefeito
1993/96	Antonio Carlos de Mendes Thame	Prefeito
1997/00	Humberto de Campos	Prefeito
2001/04	José Machado	Prefeito
2005/08	Barjas Negri	Prefeito

21

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, ALCEU MAYNARD. *Folclore Nacional*, Melhoramentos, SP, 1964.

Jornal de Folclore, SP, 1960, nº 01.

AZEVEDO, M. E., *Apontamentos Históricos, várias edições.*

CHIARINI, João. *Festa do Divino em Piracicaba*, Suplemento Especial, *Jornal de Piracicaba*, julho de 1976.

Festa do Divino, Edição da Prefeitura do Município de Piracicaba, SP, 1997.

KRÄHENBÜHL, Hélio Morato. *Almanaque de Piracicaba*, Piracicaba, SP, Tipografia Paulista, 1955.

NEME, Mário A., *Piracicaba* (Documentário), Tipografia Paulista, Piracicaba, SP, 1936.

VON TSCHUDI, J. J. *Reinsen Durch Sud Amerika*, Vol. V, Biblioteca Histórica Paulista, Livraria Martins, SP, 1954.

HINO DE PIRACICABA

Letra e música de Newton de A. Mello

Numa saudade, que punge e mata
Em um suspiro, triste e sem termo,
Que sorte ingrata longe daqui,
Vivo no ermo, dês que parti.

Piracicaba que eu adoro tanto,
Cheia de flores, cheia de encantos...
Ninguém compreende a grande dor que sente
O filho ausente a suspirar por ti!

Em outras plagas, que vale a sorte?
Prefiro a morte junto de ti.
Amo teus prados, os horizontes,
O céu e os montes que vejo aqui.

Piracicaba que eu adoro tanto,
Cheia de flores, cheia de encantos...
Ninguém compreende a grande dor que sente
O filho ausente a suspirar por ti!

Só vejo estranhos, meu berço amado,
Tendo ao teu lado o que perdi...
Pouco se importam com teu encanto,
Que eu amo tanto, dês que nasci...

Piracicaba que eu adoro tanto,
Cheia de flores, cheia de encantos...
Ninguém compreende a grande dor que sente
O filho ausente a suspirar por ti!



INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA



PIRACICABA
Prefeitura do Município
Ação Cultural
Secretaria Municipal



EQUILIBRIO
e d i t o r a

ISBN 978-85-61237-28-8



9 788561 237288